

BOLETIM AGROPECUÁRIO

Junho/2016 – Nº 37





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Luís Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidausa Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wiliam Ricce – Epagri/Ciram

Revisão textual:

Laertes Rebelo (Epagri/DEMC)

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

Sumário

Fruticultura.....	7
Banana	7
Grãos	10
Arroz	10
Feijão	13
Milho.....	16
Soja	19
Trigo.....	21
Pecuária.....	24
Avicultura.....	24
Bovinocultura	28
Suinocultura.....	30
Leite	34

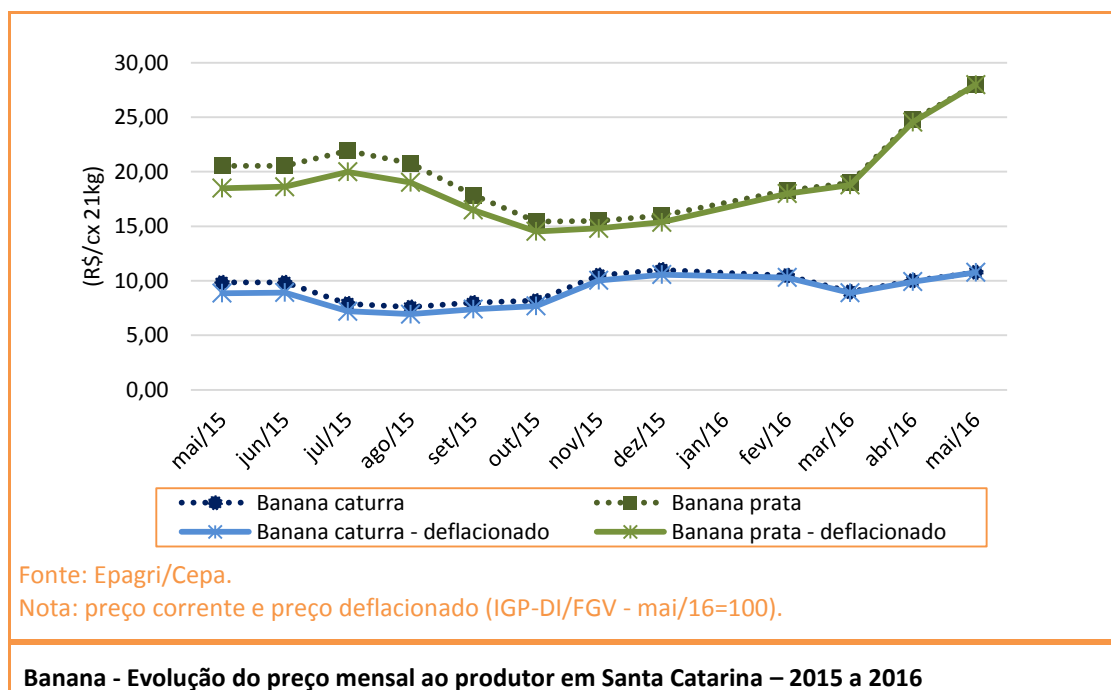
Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior, Dr.

Economista Epagri/Cepa

rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Em 2016, a cotação do preço mensal da banana-caturra está com tendência de recuperação, com aumento de 21% entre março e maio. Em maio, a diminuição na temperatura e a presença de geada devem atrasar o ciclo de produção retraindo a oferta da fruta. Em abril a concorrência com as frutas da estação e as altas temperaturas aumentou a produção. Mas com a diminuição de fruta em outras regiões do país a banana catarinense e a paulista de boa qualidade se valorizaram. No comparativo com maio de 2015, os preços de 2016 da banana-caturra estão 22% acima dos negociados no mês de maio na safra passada.

Os preços mensais da banana-prata mantêm forte tendência de aumento com valorização de 49%, entre março e maio do ano corrente. Os tratos culturais e as temperaturas mais amenas no Sul Catarinense determinaram uma qualidade para a variedade no mês de maio, garantindo a valorização do preço. Ao analisar os preços mensais para o mês de maio entre 2015 e 2016, houve valorização de 51% no preço da banana-prata para o acumulado de 12 meses.

Na lavoura os produtores estão esperando diminuição da produção e valorização nos preços.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 20 a 22 kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2016

Praça	mês		Variação (%)
	abril	maio	
Jaraguá do Sul			
Caturra	s/inf.	s/inf.	-
Prata	s/inf.	s/inf.	-
Sul Catarinense			
Caturra	10,00	10,78	8,0
Prata	24,76	28,00	13,0

Fonte: Epagri/Cepa.

Na praça de Jaraguá do Sul no período analisado, o preço médio ao produtor para a banana-caturra e a banana-prata desvalorizou-se com o aumento da produção e da oferta da fruta. No Litoral Norte de Santa Catarina, com os tratos culturais para proteção dos cachos, a qualidade deve melhorar. A temperatura mais baixa deve diminuir a produção da fruta na roça, com perspectiva de valorização dos preços nos próximos meses.

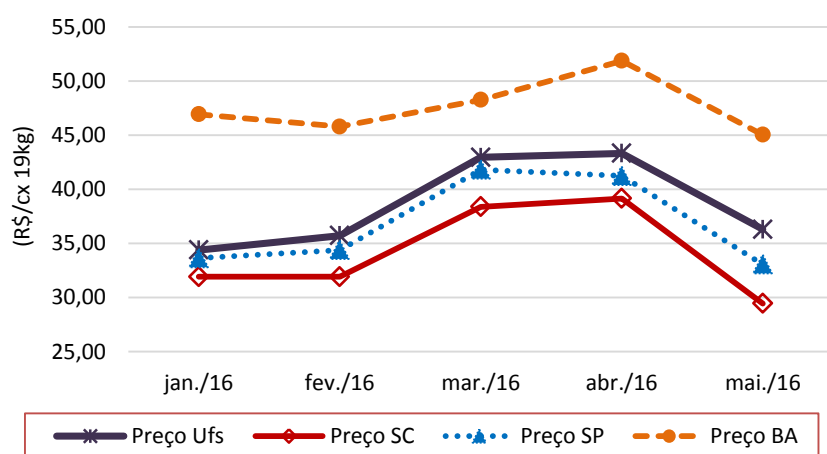
Banana - Preço médio no atacado (R\$/cx 18 a 20kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2016

Praça	mês		Variação (%)
	abril	maio	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	24,00	23,33	-3,0
Prata	38,33	40,00	4,0
Jaraguá do Sul			
Caturra	s/inf.	s/inf.	-
Prata	s/inf.	s/inf.	-
Sul Catarinense			
Caturra	23,00	23,00	0,0
Prata	35,00	39,00	11,0

Fonte: Epagri/Cepa.

No Sul Catarinense, o preço da banana-prata e da banana-caturra seguem valorizados. E o aumento nos preços na lavoura reflete o ganho de qualidade das frutas com os tratos culturais e a proteção dos cachos.

No atacado, o preço na Ceasa-SC reduz para a caturra com oferta alta e presença de *chilling* afetando a sua qualidade. Já a banana-prata valoriza o preço com a melhor qualidade da fruta catarinense.



Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

Banana - Preço médio mensal na Ceagesp - total das UFs e principais Estados – 2016

Em Santa Catarina com oferta normal os preços seguem abaixo das outras regiões produtoras. Nos cinco primeiros meses de 2016, a participação catarinense representou 5,9% do volume total negociado, com 1.674,8 toneladas. No mês de maio foi negociado 24% do total catarinense. Na Ceagesp a tendência é de retração nos preços devido à concorrência com as frutas da estação, feriados e frio que reduziram a demanda e consequentemente o preço no entreposto paulista.

Banana - Preço médio ao produtor (R\$/cx 21kg)¹ nas principais praças do Brasil – 2016

Praça	mês		Variação (%)
	abril	maio	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	18,28	12,60	-31,0
Prata	47,04	36,54	-23,0
Norte de Minas Gerais			
Nanica	15,54	11,13	-29,0
Prata	52,08	37,59	-28,0
Vale do Ribeira			
Nanica	19,11	15,33	-19,0
Prata	43,47	38,85	-11,0
Vale São Francisco			
Nanica	...	...	...
Prata	46,62	37,38	-20,0

⁽¹⁾ Preço médio em R\$/kg calculado para uma caixa de 21kg.

Fonte: Epagri/Cepa, adaptado de Cepea/Esalq/USP.

A qualidade das frutas mineiras e nordestinas comprometem a perspectiva de valorização nos preços, pois a falta de chuva do final de 2015 prejudicou o desenvolvimento das plantas. Já as bananas de São Paulo e de Santa Catarina, que estavam segurando a queda nos preços da fruta, começam a sofrer os reflexos de temperaturas mais baixas com ocorrência de geada que comprometem a qualidade, provocando manchas na casca, endurecimento do fruto e ainda a queima das folhas. Com isso, os ciclos de produção na lavoura devem diminuir com perspectiva de retração na oferta e pequena recuperação relativa nos preços.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 em relação à safra 2015

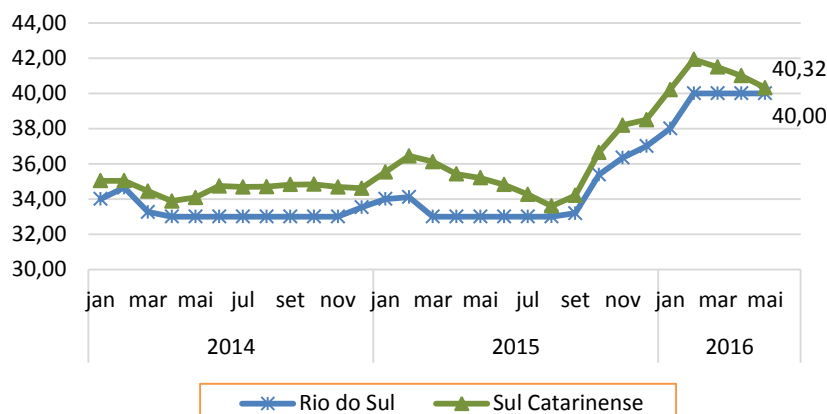
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de banana	Safra anterior – 2014-15			Estimativa inicial – 2015-16			Estimativa atual – 2015-16			Var. safra atual / safra anterior (%)		
	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant. (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	4.464	131.962	29.561	4.254	159.806	37.564	4.254	159.806	37.564	- 5	21	27
Itajaí	3.941	112.443	28.532	3.925	122.900	31.310	3.925	122.900	31.310	0	9	10
Joinville	13.554	377.730	27.869	12.714	354.311	27.869	12.714	354.311	27.869	-6	- 6	0
Araranguá	4.965	45.940	9.253	5.094	51.315	10.073	5.094	51.315	10.073	3	12	9
Criciúma	1.458	20.564	14.104	1.379	23.649	17.146	1.379	23.649	17.146	- 5	15	22
Tubarão	161	1.919	11.919	73	695	9.525	73	695	9.525	- 55	- 64	- 20
Outras	1.008	19.213	19.061	1.120	32.643	29.148	1.120	32.643	29.148	11	70	53
Total	29.551	709.771	24.019	28.487	735.323	25.812	28.487	735.323	25.812	- 4	4	7

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE março de 2016 e Epagri/Cepa.

Grãos

Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glaciapadrao@epagri.sc.gov.br

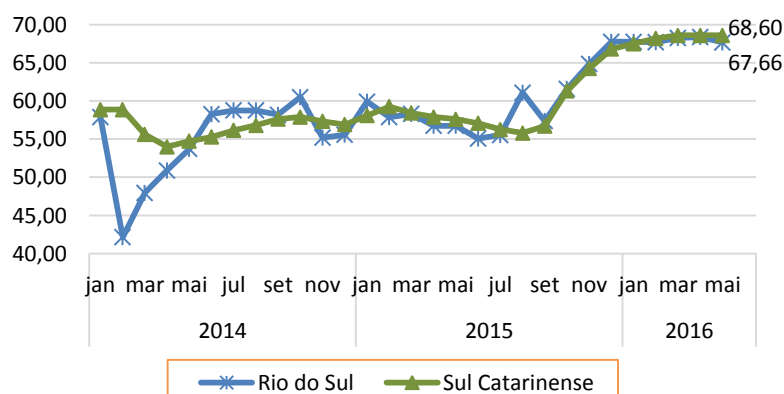


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal – Santa Catarina (Jan./2014 a Mai./2016) – R\$/sc 50kg

Os preços ao produtor de arroz em Santa Catarina foram aproximadamente 18% maiores no mês de maio em relação ao mesmo período de 2015. Embora esses preços continuem atrativos e tenham sido fortemente influenciados pela frustração de safra ocorrida no Rio Grande do Sul, nas principais praças catarinenses, eles já atingiram seu ponto de máximo em janeiro deste ano e desde então têm mostrado sinais de desaquecimento, decrescendo quase 1% em relação ao mês de abril. Esse

comportamento é esperado em função do padrão sazonal seguido pelos preços no Estado. Ademais, apesar dos fortes indícios no período de plantio de que esta safra estaria comprometida pelas adversidades climáticas, no decorrer da colheita observou-se que a perda na produção estadual representou apenas 3%, o que não foi suficiente para fazer com que os preços se mantivessem firmes como no Rio Grande do Sul.

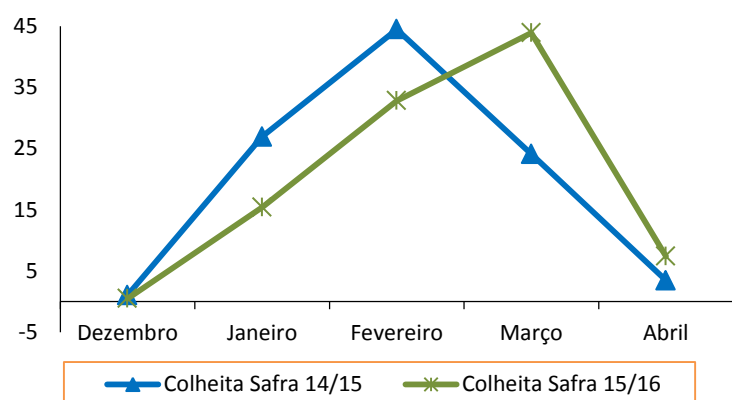
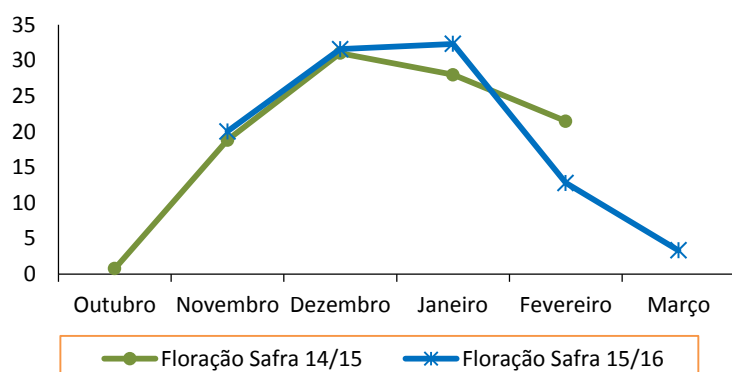
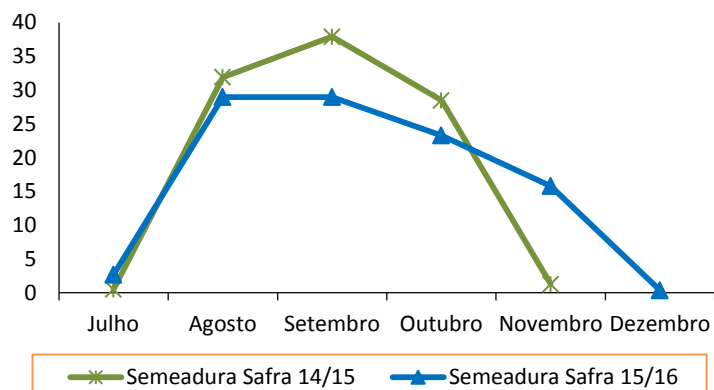


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio mensal – Santa Catarina (Jan./2014 a Mai./2016) – R\$/fardo 30kg

Algumas negociações pontuais de empresas para atender suas necessidades podem atingir o patamar de até R\$ 50,00 a saca de 50kg, no entanto, o comportamento médio dos preços nas principais regiões produtoras não indicam que estes ultrapassem a marca de R\$ 40,32. Os produtores que conseguiram acessar o mercado nesse momento de preços bons tiveram boa parte dos seus custos cobertos e possível aumento da margem; custos estes que foram superiores às três últimas safras, haja vista a necessidade

de replantio no início da safra e aumento do uso de insumos para controle de pragas e doenças. No mercado atacadista, os preços continuam aquecidos nas principais praças do Estado, chegando a R\$ 68,60 no Sul Catarinense.



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz – Comparativo das fases fenológicas da cultura nas safras 2014/15 e 2015/16

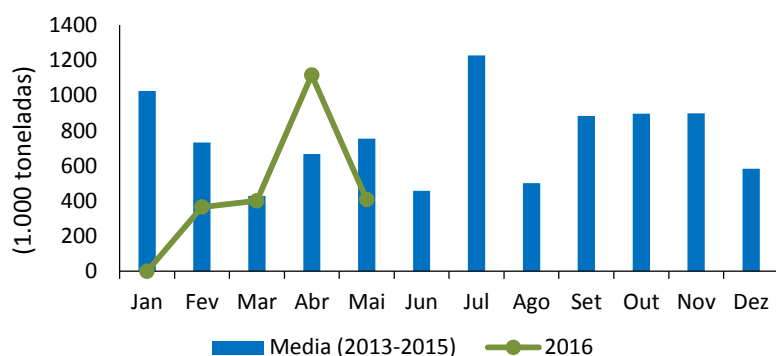
No que se refere ao comportamento da safra no Estado, comparativamente à safra anterior, observou-se um atraso na semeadura, que foi propagado nas demais fases da cultura. O excesso de chuva ocorrido em todo o Estado e, em especial na região do Alto Vale nos meses de setembro e outubro, dificultou o plantio. Em algumas localidades houve casos em que as lavouras foram perdidas e tiveram que ser replantadas. Dessa forma, o período de semeadura se estendeu de julho a dezembro de 2015, um mês de atraso. Embora isso configurasse um cenário de perdas substanciais na safra 2015/16, a partir de janeiro houve uma mudança climática que favoreceu a recuperação das lavouras e fez com que em algumas regiões as perdas não fossem tão significativas como se esperava inicialmente. Os últimos relatórios mostram que as áreas em que foram observadas as maiores reduções da produção em relação à safra anterior foram as microrregiões de Rio do Sul e Joinville. Nelas o excesso de chuvas, o atraso no plantio, a pouca luminosidade e a ocorrência de doenças como a brusone provocaram reduções significativas na produtividade e resultaram em quebra na safra na ordem de 13 a 15%. Contudo, em regiões como Araranguá e Blumenau, que se recuperaram ao longo da safra, os resultados mostraram crescimento em relação à safra anterior. Esses fatores combinados representaram uma redução na safra estadual de 3,88% da produção. Para a próxima safra, os preços elevados

deste primeiro semestre podem influenciar de maneira positiva o planejamento da produção no Estado.

Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

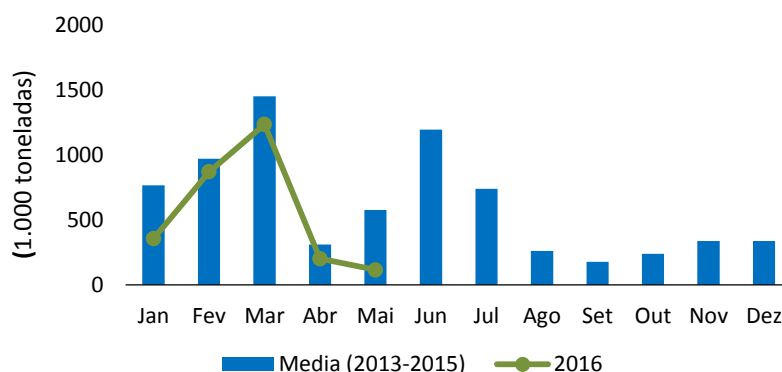
Microrregião	Safra 2014/15			Estimativa inicial Safra 2015/16			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	148.129	1.087.232	7.340	147.342	1.045.051	7.093	-0,53	-3,88	-3,37
Araranguá	51.660	359.292	6.955	51.404	362.978	7.061	-0,50	1,03	1,52
Tubarão	21.268	153.816	7.232	20.911	149.118	7.131	-1,68	-3,05	-1,40
Criciúma	20.869	149.740	7.175	20.773	145.947	7.026	-0,46	-2,53	-2,08
Joinville	19.811	157.487	7.949	19.850	142.700	7.189	0,20	-9,39	-9,56
Rio do Sul	10.798	88.967	8.239	10.684	77.324	7.237	-1,06	-13,09	-12,16
Itajaí	9.283	71.384	7.690	9.151	59.418	6.493	-1,42	-16,76	-15,56
Blumenau	8.235	65.600	7.966	8.379	67.138	8.013	1,75	2,34	0,59
Florianópolis	3.110	17.336	5.574	3.095	17.336	5.601	-0,48	0,00	0,48
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	259	2.072	8.000	259	1.554	6.000	0,00	-25,00	-25,00
Tabuleiro	146	1.238	8.479	146	1.238	8.479	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz – Evolução das exportações mensais de Santa Catarina – 2013-16



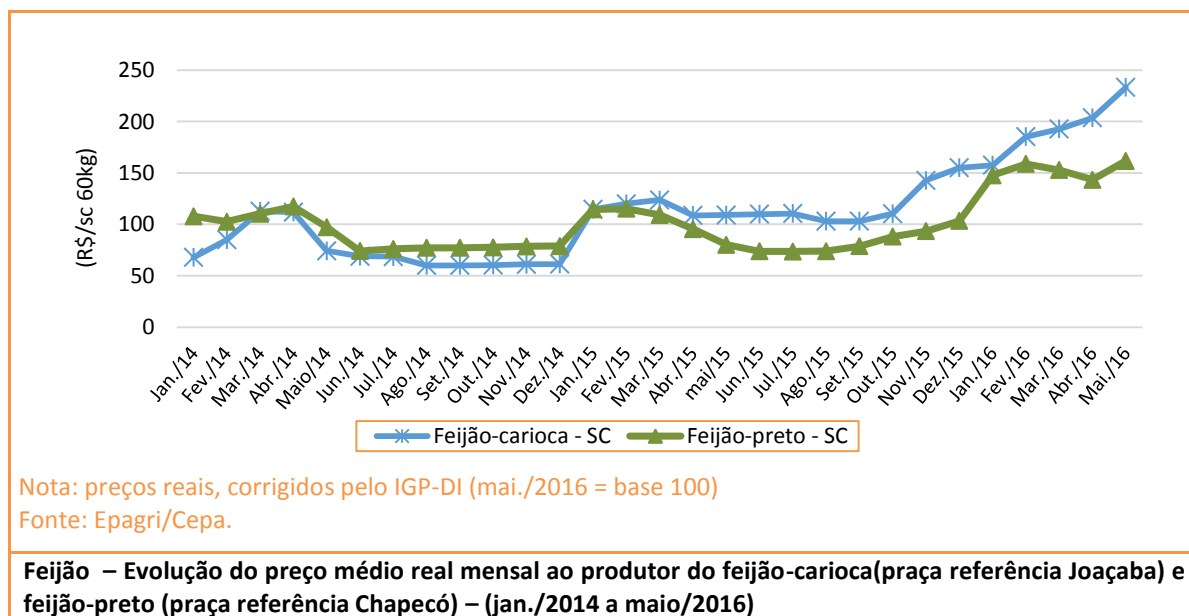
Fonte: MDIC/Aliceweb.

Arroz – Evolução das importações mensais de Santa Catarina – 2013-16

No que se refere ao mercado externo, observa-se que as exportações de maio de 2016 foram inferiores à média histórica. Mesmo com o câmbio favorável, que impulsionou as exportações em abril, os preços externos não conseguiram competir com os preços internos. Entre os principais destinos estão a África do Sul (37,09%), Canadá (14,37%) e Trinidad e Tobago (13,38). No lado das importações, elas também não foram superiores à média histórica. A entrada de produto no mercado, decorrente da finalização da colheita, reduz a necessidade de abastecimento externo. No entanto, chama a atenção o aumento significativo das importações com origem no Uruguai: no acumulado de janeiro a maio de 2016, elas foram equivalentes à 2.154 toneladas, enquanto no mesmo período em 2015, foram equivalentes a 244 toneladas.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nesta edição, optamos por analisar a evolução dos preços do feijão-carioca e do feijão-preto a partir de suas praças de referência em Santa Catarina, ou seja, aquelas que melhor refletem a variação dos preços do grão nesse momento de forte aquecimento dos mercados atacadistas, sobretudo o mercado de São Paulo, a partir da bolsa de cereais. Em maio o preço médio estadual do feijão-preto e do feijão-carioca pago ao produtor, em suas respectivas praças de referência teve altas significativas, o feijão-carioca aumentou 14,49% e o feijão-preto 12,89%. Na Bolsa de Cereais de São Paulo (BCSP), mercado atacadista que recebe boa parte da produção catarinense, no dia 14/06, o feijão-carioca especial (nota 8,5) foi cotado a R\$ 530,00/saca de 60kg, já o feijão-preto (extra) foi comercializado a R\$ 270,00/saca de 60kg, ambos com mercado firme.

Feijão Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) Abr./16	Preço (R\$) Maio/16	Variação Mensal (%)
Santa Catarina	144,44	163,06	12,89
Espírito Santo ⁽¹⁾	167,00	187,5	12,28
Goiás ⁽¹⁾	162,25	193,75	19,41
Paraná ⁽¹⁾	147,71	151,41	2,50
Rio de Janeiro ⁽¹⁾	185,00	183,75	-0,68
Rio G. do Sul ⁽¹⁾	152,31	152,01	-0,20

Fonte: Epagri/Cepa, Conab⁽¹⁾.

Nos principais estados produtores de feijão-carioca de 2ª safra, a variação de preço nominal pago ao produtor entre os meses de abril e maio foi positiva. No Paraná o aumento foi de 16,42% e em Goiás a alta foi de 19,6%. A alta nos preços do feijão-carioca está ligada a quebra de safra nos outros estados. Para os técnicos da Epagri/Cepa, no entanto, essa alta ocorre em função do atraso do plantio e do consequente atraso na

colheita no estado de Minas Gerais, além da estiagem que prejudicou muito o rendimento das lavouras no estado de Goiás e nos estados do nordeste. Merece destaque ainda a ocorrência de doenças e pragas com bastante intensidade nesses estados, provocando redução em rendimento e aumento no custo de produção.

Feijão-carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) Abr./16	Preço (R\$) Maio/16	Variação Mensal (%)
Santa Catarina	205,26	235,00	14,49
Paraná ⁽¹⁾	198,29	198,29	16,42
São Paulo ⁽¹⁾	170,00	170,32	0,19
Bahia ⁽¹⁾	244,00	271,25	11,17
Goiás ⁽¹⁾	231,17	276,48	19,60

 Fonte: Epagri/Cepa, Conab⁽¹⁾.

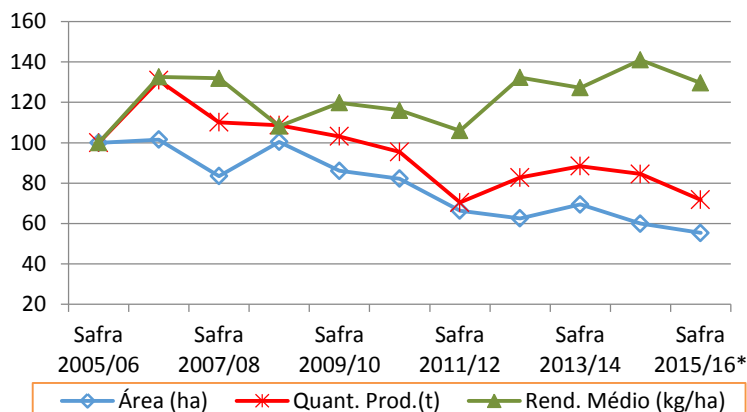
Acompanhando a tendência de aumento dos preços do feijão-carioca, o feijão-preto teve um incremento no preço pago ao produtor na ordem de 12,28% no Espírito Santo e 19,41% em Goiás.

Feijão 2ª safra – Comparativo de safra 2014/15 e estimativa da safra 2015/16

Microrregião	Safra 2014/2015			Estimativa Safra 2015/2016			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	1007,00	955,50	948,86	771,00	794,10	1029,96	-23,44	-16,89	8,55
Blumenau	67,00	65,00	970,15	65,00	67,00	970,15	-2,99	3,08	0,00
Canoinhas	2090,00	4074,00	1949,28	4250,00	7581,00	1783,76	103,35	86,08	-8,49
Chapecó	3431,00	5422,40	1580,41	3061,00	4951,50	1617,61	-10,78	-8,68	2,35
Concórdia	84,00	101,00	1202,38	34,00	41,00	1205,88	-59,52	-59,41	0,29
Criciúma	2841,00	2978,00	1048,22	3048,00	3741,60	1227,56	7,29	25,64	17,11
Itajaí	5,00	9,00	1800,00	5,00	9,00	1800,00	0,00	0,00	0,00
Ituporanga	1525,00	2501,00	1640,00	1405,00	2993,00	2130,25	-7,87	19,67	29,89
Rio do Sul	1441,00	2315,00	1606,52	769,00	1412,00	1836,15	-46,63	-39,01	14,29
São Bento do Sul	10,00	15,00	1500,00	80,00	96,00	1200,00	700,00	540,00	-20,00
São M. do Oeste	1810,00	2835,00	1566,30	1230,00	2034,00	1653,66	-32,04	-28,25	5,58
Tabuleiro	50,00	50,00	1000,00	50,00	50,00	1000,00	0,00	0,00	0,00
Tijucas	254,00	350,00	1377,95	254,00	350,00	1377,95	0,00	0,00	0,00
Tubarão	2266,00	2584,00	1140,34	1591,00	1858,20	1167,94	-29,79	-28,09	2,42
Xanxerê	9120,00	18936,00	2076,32	8070,00	15165,00	1879,18	-11,51	-19,91	-9,49
Santa Catarina	25625,00	42716,90	1667,00	24154,00	38390,00	1589,38	-5,74	-10,13	-4,66

Fonte: Epagri/Cepa (maio/2016), IBGE/LSPA - SC (março/2016).

A colheita do feijão 2ª safra 2015/16 segue firme. Segundo nossos acompanhamentos de evolução da safra, até o dia 15/06, mais de 75% já foi colhido e a Região Sul é a que está mais atrasada, com aproximadamente 45% colhido. Esse modesto atraso na colheita em todo Estado é resultado das chuvas em excesso que ocorreram na primeira quinzena de fevereiro e retardaram o plantio. Agora em maio, com a ocorrência de geadas e frio excessivo, parte das lavouras foi comprometida, sobretudo aquelas que estavam em fase final de formação de grãos. Nessas lavouras a qualidade do produto colhido deve ser afetada em algumas regiões, acarretando redução de preço ao produtor na hora da comercialização. Em função da instabilidade climática ocorrida durante o ciclo da cultura, bem como pela substituição de algumas áreas de feijão 2ª safra por milho safrinha, estima-se neste levantamento de maio uma redução de 10,13% na produção em relação à última safra. A produtividade também tende a ser reduzida, aproximadamente 5%. Na safra passada o rendimento estimado foi de 1.667,00kg/ha, enquanto nesta safra está estimado em 1.589,38kg/ha. De maneira geral, o grão desta 2ª safra de feijão está sendo considerado de boa qualidade, com comercialização imediata a preços excelentes.



Nota: safra 2005/2006 = base 100.

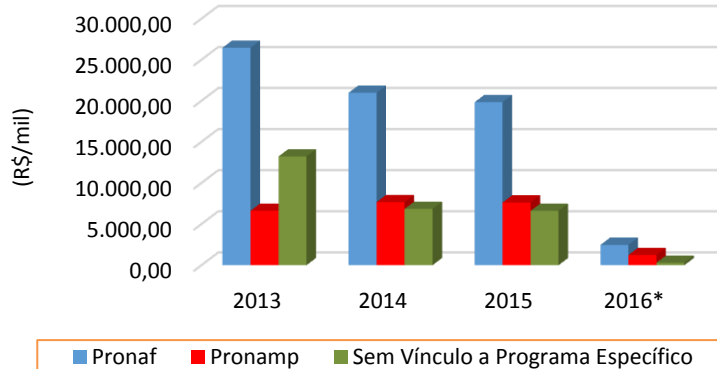
(¹) estimativa.

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do índice da área cultivada, quantidade produzida e produtividade do feijão total em Santa Catarina – Safra 2005/06 a 2015/16¹

O gráfico ao lado apresenta uma redução da área de feijão cultivado em Santa Catarina nos últimos 10 anos. Essa redução possui várias motivações, entre as quais se destacam: a substituição pelas culturas do milho e soja; a instabilidade climática ao longo do ano e entre os anos; com excesso de chuvas e de calor e/ou frio; e o recorrente ataque de pragas e doenças. Em 10 anos a área plantada passou de 128.510ha para 71.095ha, uma redução de cerca de 44%. A produção passou de 164.242t para 117.778t, diminuição de 28%. Já o rendimento médio passou de 1.278kg/ha para 1.657kg/ha, aumento de aproximadamente

30%. Tal aumento se deve ao aprimoramento genético, com a seleção das variedades mais produtivas e a intensificação do uso de insumos.



(*) jan/2016 a maio/2016.

Fonte: Bacen, extraído em 08/06/2016.

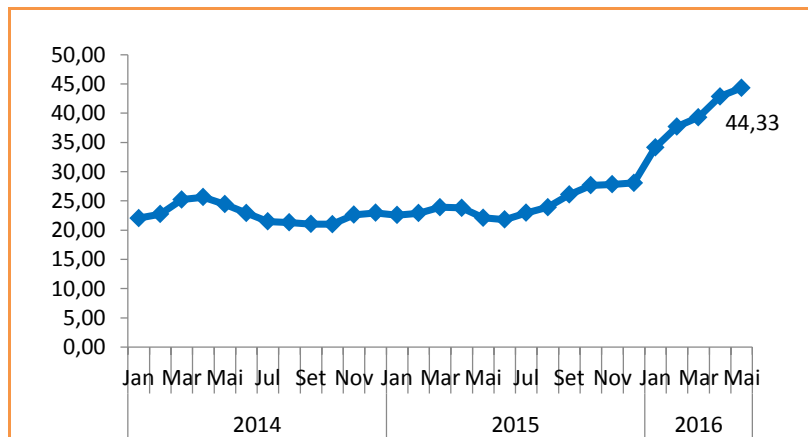
Feijão – Financiamento de custeio via Pronaf, Pronamp e demais linhas de financiamento sem vínculo a programa específico – Santa Catarina (janeiro/2013 a maio/2016)

A redução na área de feijão no Estado também fica evidenciada pela diminuição no acesso às linhas de crédito para o custeio das lavouras em Santa Catarina. Apesar de uma modesta redução na ordem de 4% do montante aplicado, comparando-se a atual safra com a anterior, nota-se a redução na captação de recursos através das principais linhas de crédito oficiais disponíveis, como Pronaf, Pronamp e demais linhas de financiamento sem vínculo a programa específico. Entre 2014 e 2015, a redução no Pronaf foi de 5,45%; no Pronamp, atingiu 0,7%; e nas demais linhas de crédito,

houve redução de 3,3%. Cabe ressaltar que o financiamento da agricultura tem outras fontes de crédito além das disponibilizadas pelas instituições bancárias.

Milho

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

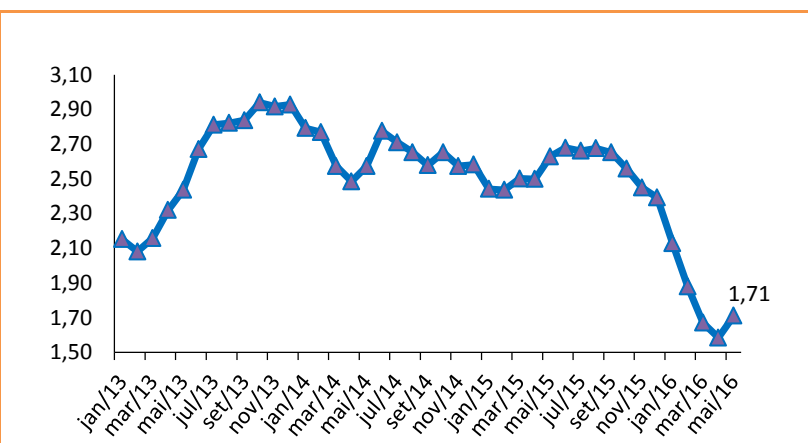


Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal ao produtor em Santa Catarina – Jan./2014 a Maio/2016

Desde meados de outubro de 2015 os preços médios do milho tem apresentado comportamento crescente. Em maio de 2016 os preços continuaram esta tendência e fecharam em R\$ 44,33 em Santa Catarina. O aumento das exportações, devido à alta do dólar e a frustração da primeira safra ocorrida nas principais regiões produtoras do País foram os principais fatores que contribuíram para a alta dos preços do grão. Embora no segundo semestre não sejam esperadas exportações tão aquecidas quanto às observadas no primeiro semestre

deste ano, a expectativa de que a segunda safra do grão não seja tão expressiva quanto os esperados, por problemas climáticos, tende a manter os preços aquecidos nos próximos meses. Para os produtores de milho em Santa Catarina esta é uma das melhores fases dos últimos anos e se o clima permitir que a segunda safra ocorra sem problemas, é o momento para que as margens de ganho sejam aumentadas. No entanto, as produtividades do grão em algumas regiões têm sido revisadas para baixo em decorrência do excesso de chuva ocorrido no período de semeadura e desenvolvimento da cultura, o que tende a elevar os preços. Além do mercado de grãos, outro fator tem sido impulsionador dos preços no estado de Santa Catarina. A área de milho silagem, que hoje equivale a cerca de 213 mil ha, tem crescido nos últimos anos, principalmente para suprir a produção de leite no Estado, o que diminui a oferta de grão e exerce pressão sobre os preços.



Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

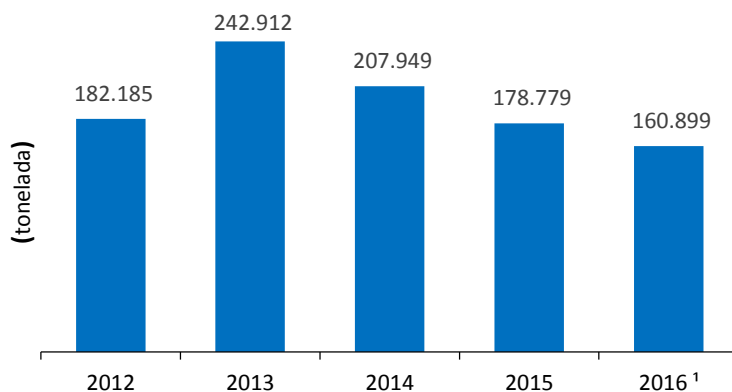
No que se refere à relação de troca entre milho e soja e, consequentemente, a situação da disputa de área entre as duas culturas, observa-se uma leve recuperação da relação de troca em favor do sojicultor em maio de 2016. Nota-se, contudo, que esta recuperação ainda não foi suficiente para voltar a produção de soja para o status de mais vantajosa em relação ao milho. A frustração da safra de soja na Argentina e problemas climáticos na principal região produtora no Brasil resultaram em

aumento dos preços da soja no mercado interno. No mês de maio, os preços da saca de soja no Estado valorizaram 11,7% em relação ao mês anterior, enquanto a valorização dos preços do milho foi de 3,5%. A

comparação dos preços dos dois grãos resultou em uma equivalência de troca de 1,71, ainda favorável ao produtor de milho. Embora o mercado de milho seja atrativo no momento, a soja continua sendo um grande concorrente por área no Estado e a conversão de áreas de milho em soja deve continuar ocorrendo na próxima safra, no entanto, a taxas menores.

As exportações do milho catarinense em 2016 já somam 161 mil toneladas e devem superar o acumulado de 2015 e a média histórica de 2012 a 2015. O câmbio valorizado nos últimos meses resultou em uma procura pelo mercado externo, na busca por maiores ganhos. Contudo, o preço no mercado interno tem apresentado valorizações recorrentes desde janeiro, em função da quebra de safra ocorrida na região centro oeste e o patamar atingido pelos preços internos deve fazer parte dos produtores se voltarem para o mercado interno.

Além disso, o fator China, que tem reduzido suas importações de milho no período recente, deve desaquecer o mercado internacional. Os principais destinos do grão catarinense são Malásia, Indonésia e Vietnã, que representam juntos cerca de 57% das exportações catarinenses do grão.



⁽¹⁾Exportações acumuladas de Janeiro a Maio.

Fonte: Epagri/Cepa.

Exportações catarinenses de milho em grão e semeadura (2012-2016¹)

Milho 1ª safra – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2014/15 (1ª safra)			Estimativa atual Safra 2015/16 (1ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	404.577	3.142.248	7.767	354.663	2.582.146	7.281	-12,34	-17,82	-6,26
Joaçaba	62.877	531.140	8.447	55.552	443.751	7.988	-11,65	-16,45	-5,44
Chapecó	62.565	488.926	7.815	54.950	410.220	7.465	-12,17	-16,10	-4,47
Canoinhas	39.000	367.295	9.418	30.500	266.270	8.730	-21,79	-27,51	-7,30
São Miguel do Oeste	46.900	333.070	7.102	40.150	253.260	6.308	-14,39	-23,96	-11,18
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.500	233.622	6.581	0,00	0,00	0,00
Concórdia	33.750	232.006	6.874	30.440	208.486	6.849	-9,81	-10,14	-0,37
Curitibanos	27.258	270.358	9.918	22.446	205.618	9.161	-17,65	-23,95	-7,64
Xanxerê	31.150	286.662	9.203	22.980	204.732	8.909	-26,23	-28,58	-3,19
Rio do Sul	22.870	141.461	6.185	19.450	111.432	5.729	-14,95	-21,23	-7,38
Ituporanga	11.390	79.488	6.979	10.080	61.600	6.111	-11,50	-22,50	-12,43
São Bento do Sul	6.000	51.090	8.515	5.500	44.750	8.136	-8,33	-12,41	-4,45
Criciúma	6.417	37.920	5.909	6.830	41.279	6.044	6,44	8,86	2,28
Araquari	6.079	33.365	5.488	7.123	37.682	5.290	17,17	12,94	-3,61
Tubarão	4.540	24.650	5.430	5.385	31.521	5.853	18,61	27,87	7,81
Outros	8.281	31.196	3.767	7.777	27.924	3.591	-6,09	-10,49	-4,69

Fonte: Epagri/Cepa.

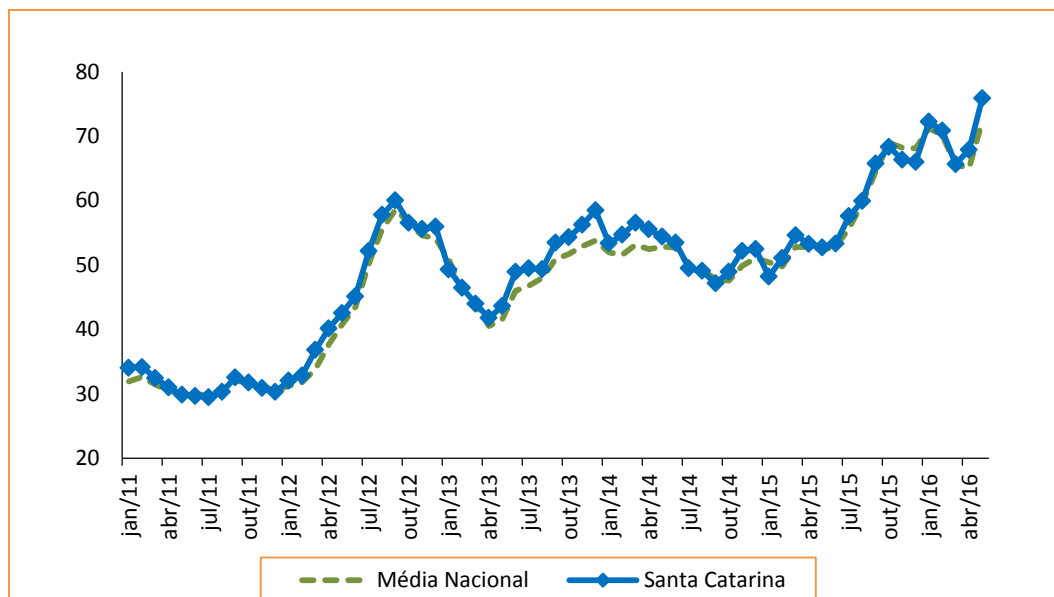
Milho 2ª safra – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

Microrregião	Safr 2014/15 (2ª safra)			Estimativa inicial Safr 2015/16 (2ª safra)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	1.2472	65.998	5.292	17.165	95.797	5.581	37,63	45,15	5,47
Chapecó	3.100	16.465	5.311	7.740	44.219	5.713	149,68	168,56	7,56
São Miguel do Oeste	6.200	32.010	5.163	5.490	29.532	5.379	-11,45	-7,74	4,19
Tubarão	842	4.578	5.437	1.061	6.271	5.910	26,01	36,98	8,70
Criciúma	704	3.873	5.501	999	5.838	5.844	41,90	50,74	6,22
Araranguá	801	4.122	5.146	1.025	5.317	5.188	27,97	29,00	0,81
Xanxerê	825	4.950	6.000	450	2.700	6.000	-45,45	-45,45	0,00
Concórdia	-	-	-	400	1.920	4.800	-	-	-

Fonte: Epagri/Cepa.

Soja

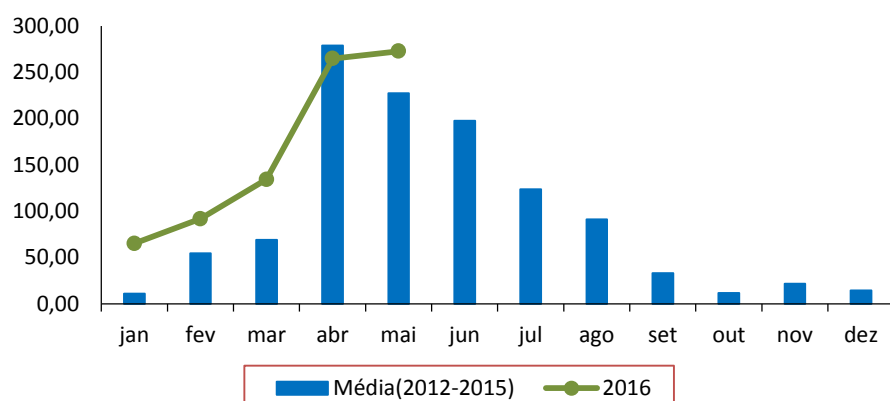
Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa e Agrolink.

Soja em grão – Preço médio real mensal ao produtor, médias nacional e de Santa Catarina – jan./2011 a maio/2016

O preço médio mensal de soja apresentou comportamento crescente até dezembro de 2015, passando a decrescer entre fevereiro e abril e voltando a se recuperar no mês de maio de 2016. A frustração de safra ocorrida na Argentina, a procura por farelo de soja para atender a indústria de proteína animal e o aumento das exportações do grão pelas principais regiões produtoras são alguns dos fatores determinantes do aquecimento dos preços. Em Santa Catarina, os preços de maio de 2016 foram cerca de 42% maiores em relação ao mesmo mês de 2015 e cerca de 12% maiores em relação a abril de 2016. O dólar valorizado nos últimos meses impulsionou o produtor para o mercado externo e, mesmo com a recente redução na taxa de câmbio, o mercado externo permanece atrativo e pressiona os preços internos para cima. Até abril de 2016 os preços de milho vinham apresentando crescimento superior aos preços da soja e culminaram em uma relação de troca favorável ao produtor de milho. No entanto, os preços da soja passaram a crescer a uma taxa superior ao milho em maio e a relação de troca começa a mostrar sinais de mudança, apesar de ainda permanecer favorável ao produtor de milho. Caso essa relação de troca se mantenha favorável ao produtor de milho a tendência é que a substituição de áreas de milho por áreas de soja se dê de forma menos intensa em Santa Catarina na próxima safra.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

Soja – Exportações mensais de Santa Catarina – 2012 a 2016

O aquecimento do mercado externo resultou em aumento das exportações de soja em Santa Catarina nos últimos meses. Em relação à média histórica, no mês de maio de 2016 as exportações catarinenses foram cerca de 20% superiores. Entre abril e junho há uma concentração das exportações do Estado em função da evolução

da colheita. O comportamento das exportações de janeiro a maio deste ano indicam que a média histórica dos últimos anos será ultrapassada em 2016. A redução da oferta interna do grão, dada a atratividade do mercado externo, exerce influência direta sobre os preços e preocupa a indústria de proteína animal.

Soja – Santa Catarina - acompanhamento da safra 2015/16

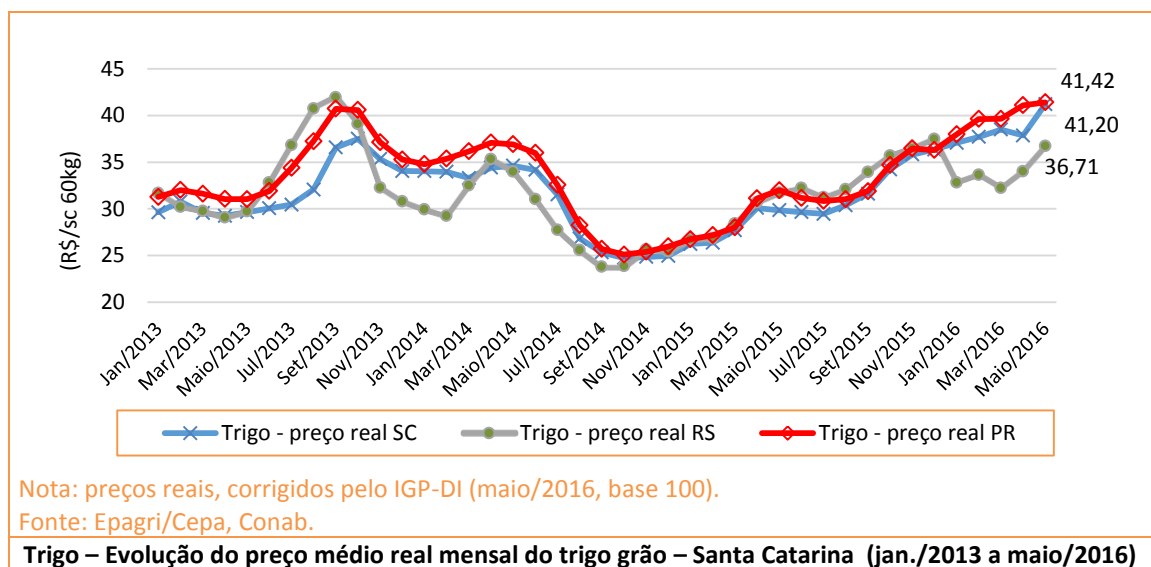
Microrregião	Safra 2014/15			Safra 2015/16 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rendimento médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Santa Catarina	598.373	1.945.961	3.252	633.245	2.093.227	3.306	5,83	7,57	1,64
Canoinhas	127.300	441.338	3.467	133.320	462.954	3.473	4,73	4,90	0,16
Xanxerê	132.635	396.740	2.991	132.635	396.740	2.991	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	88.301	320.788	3.633	96.405	369.696	3.835	9,18	15,25	5,56
Chapecó	84.610	240.875	2.847	84.640	240.992	2.847	0,04	0,05	0,01
Campos de Lages	53.900	176.500	3.275	60.430	201.440	3.333	12,12	14,13	1,80
Joaçaba	53.671	190.996	3.559	58.265	213.432	3.663	8,56	11,75	2,94
São Miguel do Oeste	37.220	111.682	3.001	44.110	131.773	2.987	18,51	17,99	-0,44
São Bento do Sul	9.800	32.340	3.300	10.400	34.320	3.300	6,12	6,12	0,00
Ituporanga	5.750	18.930	3.292	6.350	21.045	3.314	10,43	11,17	0,67
Rio do Sul	1.871	5.759	3.078	3.375	10.821	3.206	80,38	87,90	4,16
Concórdia	3.315	10.014	3.021	3.315	10.014	3.021	0,00	0,00	0,00

Fonte: Epagri/Cepa.

No que se refere ao comportamento da safra no Estado, observa-se que a área plantada aumentou cerca de 6% em relação à safra anterior, o que, combinado com o aumento da produtividade, resultou em uma produção 7,6% superior à safra 2014/15. As regiões onde esses aumentos foram mais expressivos foram Rio do Sul, São Miguel do Oeste, Curitibanos e Campos de Lages.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

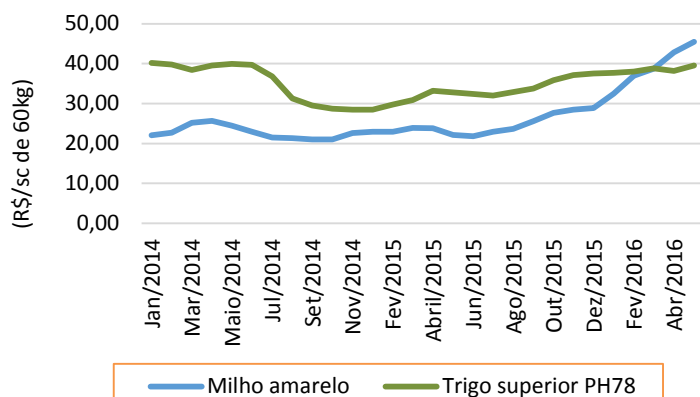


Em maio os preços médios do trigo grão subiram significativamente, puxados pela alta do milho, tanto que os produtores de trigo que ainda possuem o produto disponível para venda estão obtendo bons preços. Com os produtores de carne de aves e suínos substituindo o milho pelo trigo em função da escassez de milho no mercado, a elevação nos preços do cereal tornou-se inevitável. Com o desabastecimento de milho no mercado interno, as indústrias de rações estão comprando trigo em quantidades que nunca haviam sido observadas nessa época do ano. O trigo de qualidade inferior, por sua vez, já não existe mais no mercado. O volume do cereal destinado à ração animal ainda é pequeno, mas tende a aumentar. Com um consumo anual por volta de 11 milhões de toneladas e uma produção doméstica anual entre 5 a 6 milhões de toneladas, o Brasil se constitui num dos maiores importadores mundiais de trigo e possui como fornecedores mais comuns a Argentina e o Paraguai. Em maio, o preço médio real do trigo comercializado em Santa Catarina teve aumento de 8,83%, passando de R\$ 37,86 para R\$ 41,20 a saca de 60kg. Na comparação com o preço do Programa de Garantia de Preços Mínimo (PGPM) do Governo Federal (R\$ 34,98), a diferença está em 17,78%. No Paraná, para o mesmo período, a saca de 60kg do grão passou de R\$ 41,10 para R\$ 41,42, uma alta de 0,77%. No Rio Grande do Sul, a alta foi de 7,87% e a saca de 60kg passou de R\$ 34,03 para R\$ 36,71.

Trigo Grão – Preços médios reais pagos ao produtor safra 2015/16 – R\$/saca de 60kg

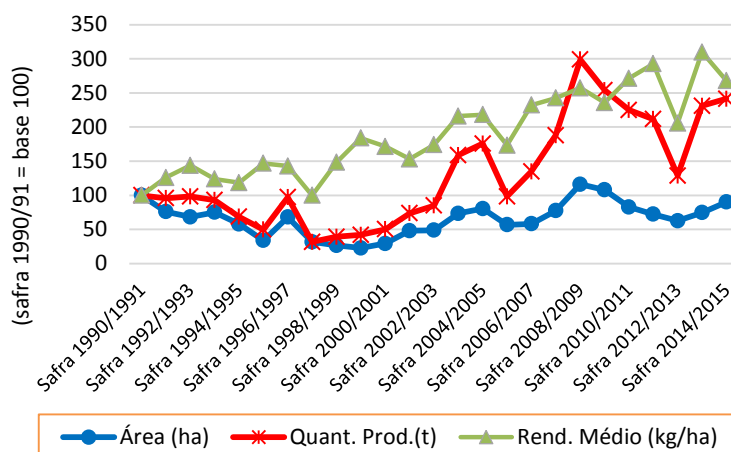
Estado	Abril/16	Maior/16	Varição (%)
Santa Catarina	37,86	41,20	8,83
Paraná ⁽¹⁾	41,10	41,42	0,77
Rio Grande do Sul ⁽¹⁾	34,03	36,71	7,87

Fonte: Epagri/Cepa, Conab⁽¹⁾.



Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Relação do preço médio pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (jan./2013 a maio/2016)



Nota: safra 1990/1991 = base 100.

Fonte: Epagri/Cepa.

Trigo – Evolução do índice de área, produção e rendimento – Santa Catarina (safra 1990/91 a 2014/15)

produção e o rendimento médio do cereal. É importante lembrar também que, ao longo desses 25 anos, houve um nítido aumento de produção e produtividade da cultura no Estado, apesar da alternância entre anos bons e ruins.

Com o preço da saca de milho nas alturas, a relação dos preços de trigo e milho vem apresentando comportamento atípico. Em maio essa relação trigo/milho foi de 15% em favor do milho, apesar da forte elevação nos preços pagos ao trigo grão disponível no mercado, o que reforça a tendência de destinação de trigo para ração animal. No gráfico podemos visualizar que no Estado, desde março deste ano o preço da saca de 60kg de milho segue superior à do trigo grão.

Apesar das variações de produção e rendimento do trigo em Santa Catarina, ao longo de uma série histórica que vai de 1990 a 2015 as variações em relação a área de plantio são menores. No gráfico fica demonstrado que essa variação nos últimos anos 5 anos se manteve entre 60 e 90 mil hectares. Já a produção e o rendimento sofreram variações bastante significativas ao longo de toda série histórica analisada. Isso pode ser atribuído à variação climática ao longo dos anos, pois se trata de uma cultura bastante influenciada pelo excesso de chuvas, quando a ocorrência de doenças e pragas diminui a

Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30	54	1.800	30	30	1.000	0,00	-44,00	-44,00
Campos de Lages	1.600	4.520	2.825	1.600	4.520	2.825	0,00	0,00	0,00
Canoinhas	17.380	26.874	1.546	13.300	42.832	3.220	-23,00	59,00	108,00
Chapecó	18.050	37.749	2.091	18.050	37.749	2.091	0,00	0,00	0,00
Concórdia	768	2.030	2.642	793	2.084	2.627	3,00	3,00	-1,00
Curitibanos	10.783	22.473	2.084	10.648	40.942	3.845	-1,00	82,00	84,00
Ituporanga	550	672	1.221	275	738	2.685	-50,00	10,00	120,00
Joaçaba	6.415	12.921	2.014	4.740	17.424	3.675	-26,00	35,00	83,00
Rio do Sul	110	126	1.145	50	121	2.420	-55,00	-4,00	111,00
São Bento do Sul	220	396	1.800	220	684	3.109	0,00	73,00	73,00
São Miguel do Oeste	4.207	6.594	1.567	3.670	10.203	2.780	-13,00	55,00	77,00
Tabuleiro	40	6	150	48	96	2.000	20,00	1.500,00	1.233,00
Xanxerê	15.645	41.666	2.663	15.065	38.756	2.572	-4,00	-7,00	-3,00
Santa Catarina	75.798	156.082	2.059	68.489	196.181	2.864	-10,00	26,00	39,00

Fonte: Epagri/Cepa (estimativa inicial - maio/2016).

A safra 2016/17 de trigo está iniciando no Estado. Com menos de 5% da área destinada à cultura em fase de plantio, as estimativas iniciais indicam redução na área na ordem de 10%. Espera-se que sejam plantados em Santa Catarina cerca de 68.500ha do cereal. Essa tendência de redução pode ser alterada na medida em que avança o período de plantio da cultura no Estado, que vai de junho a julho, uma vez que as previsões climáticas são consideradas ideais para a implantação das lavouras, com número de horas de frio suficientes para a cultura e um regular regime de chuvas. Até a primeira semana de junho, cerca de 64% das áreas destinadas ao trigo no estado do Paraná já haviam sido plantadas. O Rio Grande do Sul chegou a 12% de plantio, enquanto nos demais países do Mercosul o Paraguai atingiu 76%, a Argentina a 7,6% e o Uruguai já iniciou o plantio.

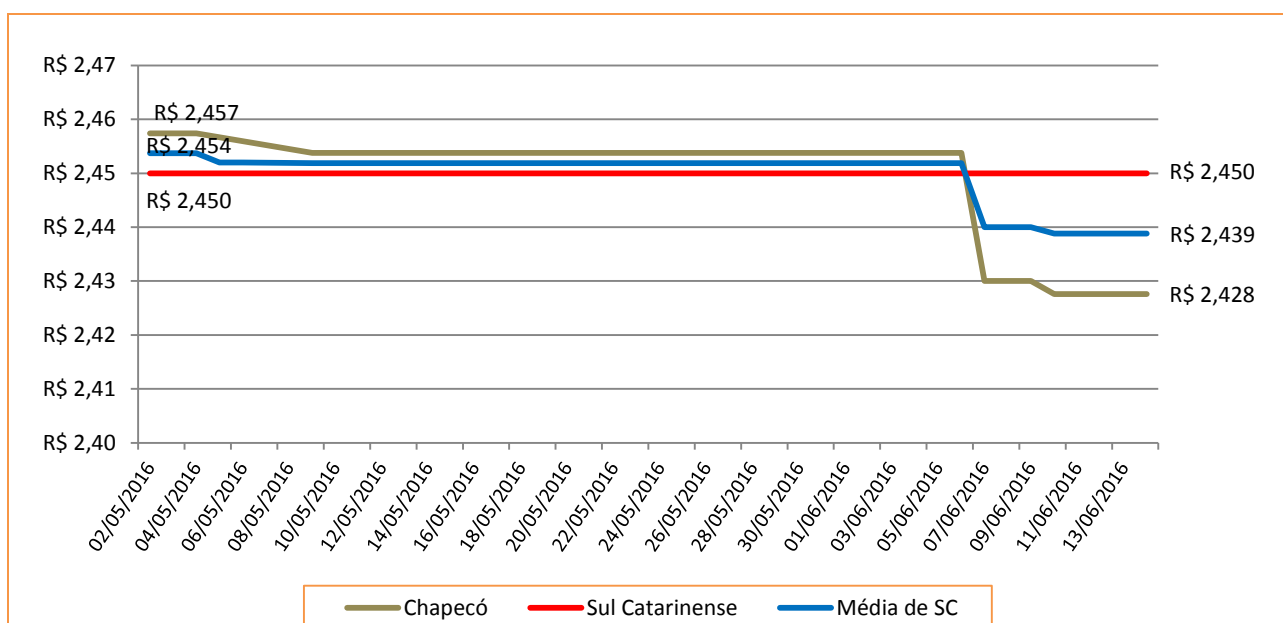
Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br

O preço do frango vivo apresentou comportamento estável durante o mês de maio nas praças de Chapecó e no Sul Catarinense, bem como na média estadual, conforme demonstra o gráfico abaixo. Nesse período registra-se apenas uma leve queda de 0,15% no início de maio em Chapecó, fato que já havia sido apontado no Boletim Agropecuário nº 36.

Contudo, no início de junho registrou-se nova queda de preço em Chapecó, desta vez de 1,21%, passando de R\$ 2,45 para R\$ 2,43 o quilo. No Sul Catarinense não houve variação de preço em todo o período analisado.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

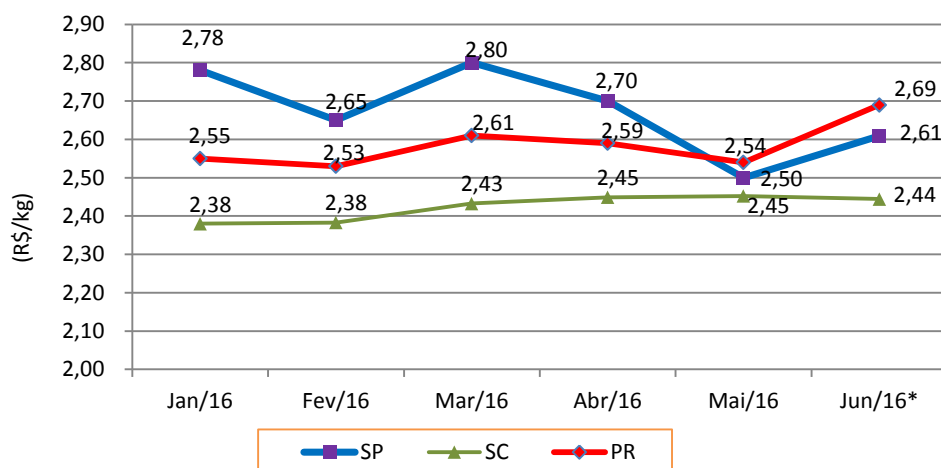
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual - 02/maio a 14/jun./2016

Na comparação dos preços do frango vivo em Santa Catarina com dois outros estados produtores, notam-se situações bastante distintas. Conforme já ressaltado anteriormente, em maio os preços pagos em Santa Catarina mantiveram-se mais ou menos estáveis, registrando-se queda um pouco mais significativa (de aproximadamente R\$ 0,02/kg) em Chapecó nas primeiras semanas de junho. Contudo, essa variação não impactou consideravelmente o preço médio estadual, parâmetro utilizado para essa comparação. Assim, os valores catarinenses seguem relativamente estáveis, tendência que vem se mantendo nos últimos três meses.

Já em São Paulo, diferentemente dos meses de abril e maio, quando se registraram quedas no preço médio estadual, o valor preliminar de junho aponta para uma elevação de 4,36% em relação à média do mês anterior. É importante destacar que os preços começaram o mês estáveis em relação ao período anterior,

passando a reagir somente na segunda semana (o que indica possibilidade de elevações ainda maiores no decorrer do mês). No levantamento de preços do Cepea do dia 14 de junho, último dado utilizado neste boletim, o valor médio diário do frango vivo no estado de São Paulo era de R\$ 2,85/kg.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

*Os dados para o mês de junho são parciais, referentes ao período de 1 a 14/junho/2016.

Fonte: IEA(SP); Epagri/Cepa(SC); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Jan. a Jun./16

Com isso, interrompe-se novamente o movimento de queda observado desde o início deste ano (a interrupção anterior foi registrada em março). Na comparação entre os meses de janeiro e a média preliminar de junho, o preço atual ainda é 6,15% menor que aquele pago no início do ano. Mas quando se compara com o mesmo mês do ano passado, há uma

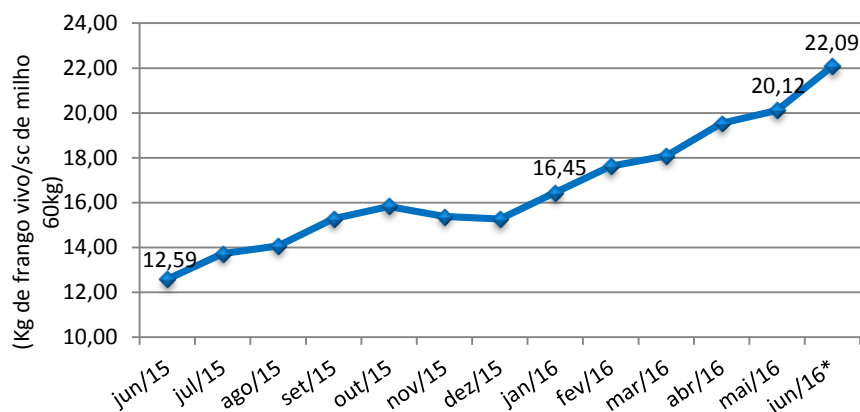
elevação de 6,06% em relação àquele período. Ressalta-se novamente que, até o fechamento desta edição, o movimento de alta continuava sendo observado, o que deve refletir num preço médio mensal final superior àquele registrado até o momento.

Assim como em São Paulo, os preços do frango vivo também registraram uma reação no Paraná nas primeiras semanas de junho. A diferença em relação ao preço médio de maio já atinge 5,91%. Em termos de tendência, o comportamento dos preços dos dois estados tem se mostrado muito semelhante, conforme é possível observar no gráfico anterior. Não obstante as oscilações que têm sido registradas ao longo de 2016, o preço médio de junho (preliminar) é 5,49% superior àquele pago em janeiro do corrente ano. Quando a comparação é com o mês de junho de 2015, o cenário é mais favorável ainda, com um crescimento de 19,03% nos preços atuais em relação àqueles praticados naquele período.

Seguindo a tendência registrada nos últimos 12 meses, brevemente interrompida no último trimestre de 2015, novamente a equivalência insumo/produto apresentou elevação na análise da parcial de junho em relação ao mês anterior.

Tomando-se como referência os preços médios do frango vivo (média estadual) e do milho no atacado (praça de referência de Chapecó) observados nas primeiras semanas de junho, a relação de equivalência atingiu o índice de 22,09kg de frango vivo/saco de milho. Mais uma vez, ressalta-se que os preços são preliminares, podendo ocorrer alterações no decorrer da segunda quinzena do mês.

Em relação a junho de 2015, o índice atual é 75,52% superior. A variação acumulada somente no ano de 2016 já atinge o patamar de 38,3%, dos quais 9,82% são decorrentes da elevação de junho em relação a maio.



*Os dados do mês de junho são parciais, relativos ao período de 1 a 14/junho/2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

Embora tenha ocorrido uma pequena oscilação negativa no preço do frango vivo na praça de Chapecó, o principal fator responsável pela elevação da equivalência insumo/produto é o aumento no preço do milho, que até o momento atingiu 9,47% na comparação entre os meses de maio e junho.

As exportações em alta e a redução nos volumes estimados para a safrinha

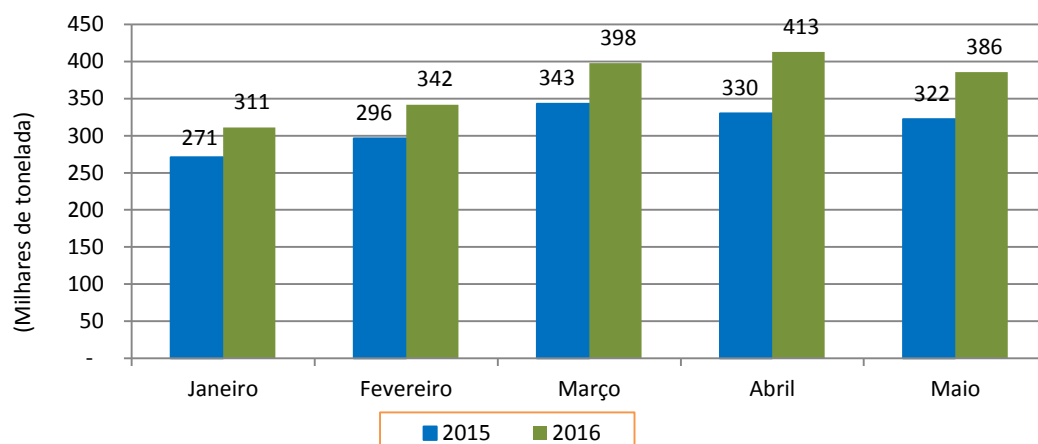
são alguns dos motivos que ajudam a explicar a continuidade da tendência de alta no preço do milho, que afeta diretamente os custos de produção da carne de frango. Conforme atualização divulgada pela Conab no dia 9 de junho, a produção nacional de grãos na safra 2015/16 deve ser de 196,5 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 5,4% em relação à safra anterior.

De acordo com a Conab, o resultado se deve essencialmente às estiagens prolongadas e às altas temperaturas que prejudicaram o ciclo vegetativo da primeira e da segunda safra do milho. A primeira safra, com uma produção de 26,2 milhões de toneladas, sofreu uma queda de 3,9 milhões em relação à primeira safra do ano anterior. Já a segunda safra (safrinha), que começou a ser colhida em junho, tem previsão de atingir 50 milhões de toneladas, o que significa uma redução de 4,6 milhões no comparativo com a safrinha anterior. No total, a produção de milho do Brasil deverá ser de 76,2 milhões de toneladas, contra 84,6 milhões da safra 2014/15. No caso da soja, também afetada pelas condições climáticas, a previsão é de que a queda seja menos expressiva e a produção deva atingir 95,6 milhões de toneladas (0,6% menor que a safra anterior).

Buscando amenizar o impacto sobre os preços do grão, recentemente o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento anunciou a venda de 500 mil toneladas de milho dos estoques públicos, direcionadas aos produtores de aves, suínos e leite, principalmente das regiões Sul e Nordeste.

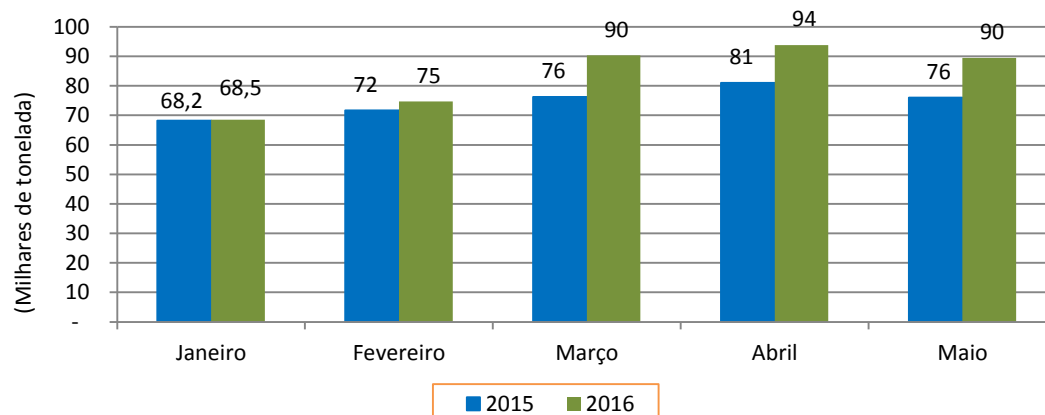
Apesar do cenário exposto, há limitações para a elevação de preços ao produtor e, principalmente, ao consumidor, uma vez que a demanda doméstica sofre os efeitos das dificuldades enfrentadas pela economia brasileira. Alguns especialistas apontam que a elevada oferta de frango é outro fator que restringe aumentos significativos. Tal oferta seria decorrente principalmente das incubações realizadas em março, quando se previa uma redução nos preços do milho em decorrência da safrinha. Além disso, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) relata que há unidades frigoríficas reduzindo o ritmo de abate ou concedendo férias coletivas aos seus funcionários, em decorrência da demanda enfraquecida.

Assim como tem ocorrido nos últimos meses, as exportações continuam elevadas, o que ajuda a escoar parte da oferta de carne de frango. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, no mês de maio foram exportadas 385,6 mil toneladas de carne de frango, o que representa um aumento de 19,7% em relação ao mesmo mês de 2015. Desse montante, Santa Catarina foi responsável por 89,5 mil toneladas, um aumento de 17,7% em relação ao mesmo período de 2015.



Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne de frango (tonelada) no período de janeiro a maio de 2015 e 2016 – Brasil

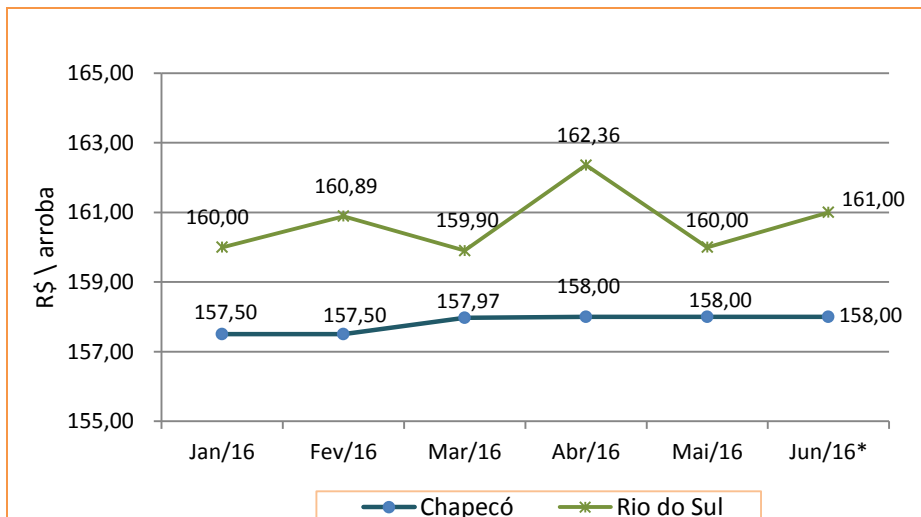


Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne de frango (tonelada) no período de janeiro a maio de 2015 e 2016 – Santa Catarina

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br



(1) Para pagamento em 20 dias.

(*) Os dados do mês de junho são parciais, relativos ao período de 1 a 14/junho/2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016

O mercado catarinense de boi gordo mantém-se estável desde o início do ano, com poucas oscilações no preço pago ao produtor nas principais regiões monitoradas pela Epagri/Cepa. O gráfico ao lado apresenta os preços médios mensais das duas praças catarinenses de referência para esse produto.

Em Rio do Sul, o preço médio da primeira quinzena de junho sofreu uma pequena elevação em relação ao mês anterior (0,6%).

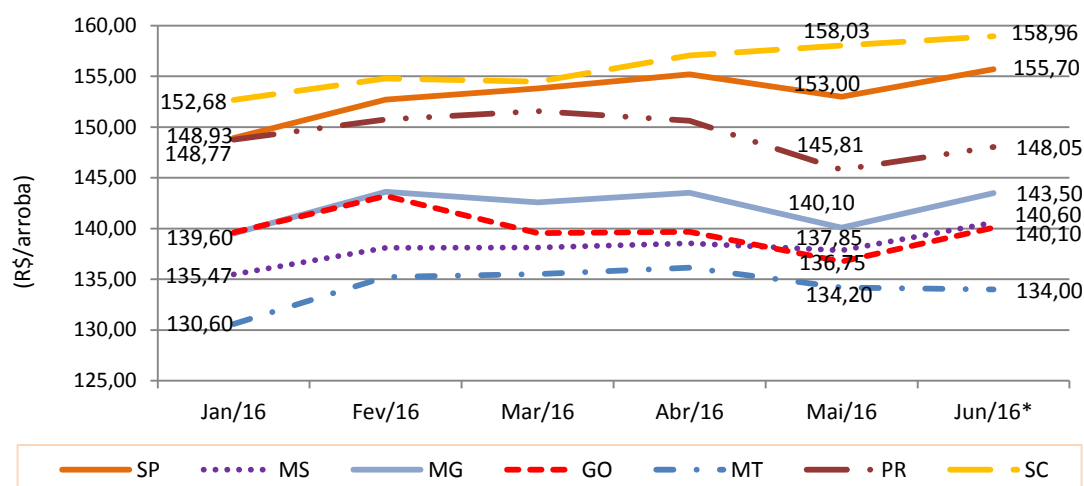
Em Chapecó, por sua vez, não houve variações, mantendo-se o valor de R\$

158,00/arroba. Aliás, desde janeiro o mercado se mantém praticamente estável, com variação de apenas R\$ 0,50 e de R\$ 1,00 por arroba em Chapecó e Rio do Sul, respectivamente. Por outro lado, na comparação dos preços médios preliminares de junho do corrente ano com aqueles pagos no mesmo mês de 2015, verificam-se variações de 5,3% e 4,1% para Chapecó e Rio do Sul, respectivamente.

No cenário nacional, o mês de junho registra novamente aumentos no valor pago pelo boi gordo na maioria dos estados analisados neste boletim. A variação média até o momento é de 1,51%.

O estado que registrou a maior variação foi Goiás, com elevação de 2,45%, recuperando grande parte da queda registrada em maio (-2,82%). Na sequência, destaca-se Minas Gerais, que também havia registrado variação significativa no mês anterior (-2,89%). A diferença é que desta vez a oscilação foi positiva, alcançando o índice de 2,39%. Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná registraram variações um pouco abaixo dos dois estados citados anteriormente, mas ainda acima da média (1,99%, 1,76% e 1,54%, respectivamente). A variação média de Santa Catarina, por sua vez, foi de 0,59%. Mato Grosso é o único estado que até o momento registra queda no preço preliminar de junho em relação à média de maio, com uma variação de -0,15%.

Quando se faz a comparação entre os preços médios preliminares de junho e aqueles praticados em janeiro do corrente ano, percebe-se que Santa Catarina apresenta a segunda maior variação positiva (4,12%), superada apenas por São Paulo (4,54%). Por outro lado, as menores variações encontram-se nos estados de Goiás (0,36%) e Paraná (-0,48%).



* Os dados do mês de junho são parciais, relativos ao período de 1 a 14/junho/2016.

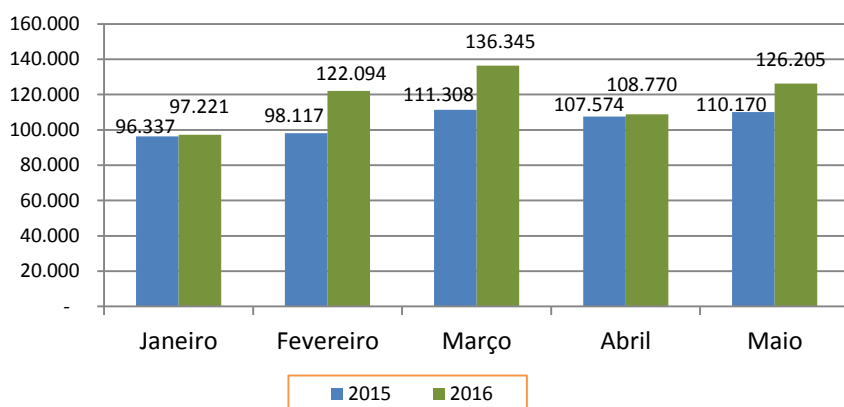
Fonte: IBGE (2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016

A menor oferta de bois prontos para o abate foi o principal fator responsável pela elevação dos preços médios registrados na maioria dos estados. Contudo, com as quedas de temperatura e a piora na qualidade da maioria das pastagens, há possibilidade de que muitos pecuaristas optem por vender seus animais, o que pode impactar negativamente nos preços, como já vinha acontecendo nos últimos dois meses.

A demanda doméstica por proteínas de origem animal continua enfraquecida, em decorrência das dificuldades econômicas pelas quais passa o País. Nesse cenário, a carne bovina é uma das mais afetadas. Contudo, os efeitos sobre os diversos cortes bovinos são distintos. Os cortes dianteiros, por exemplo, que tradicionalmente apresentam preços menores, têm registrado uma procura maior por parte dos consumidores, o que provocou altas nos preços do produto que foram observadas em alguns estados.

As exportações, que em abril haviam registrado uma diminuição no ritmo, voltaram a crescer significativamente em maio e podem ter contribuído no movimento em curso de elevação do preço do boi gordo. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em maio foram exportadas 126 mil toneladas de carne bovina, volume 16,03% maior que no mês anterior e 14,55% superior ao que foi exportado em maio de 2015.



Fonte: Aliceweb/MDIC.

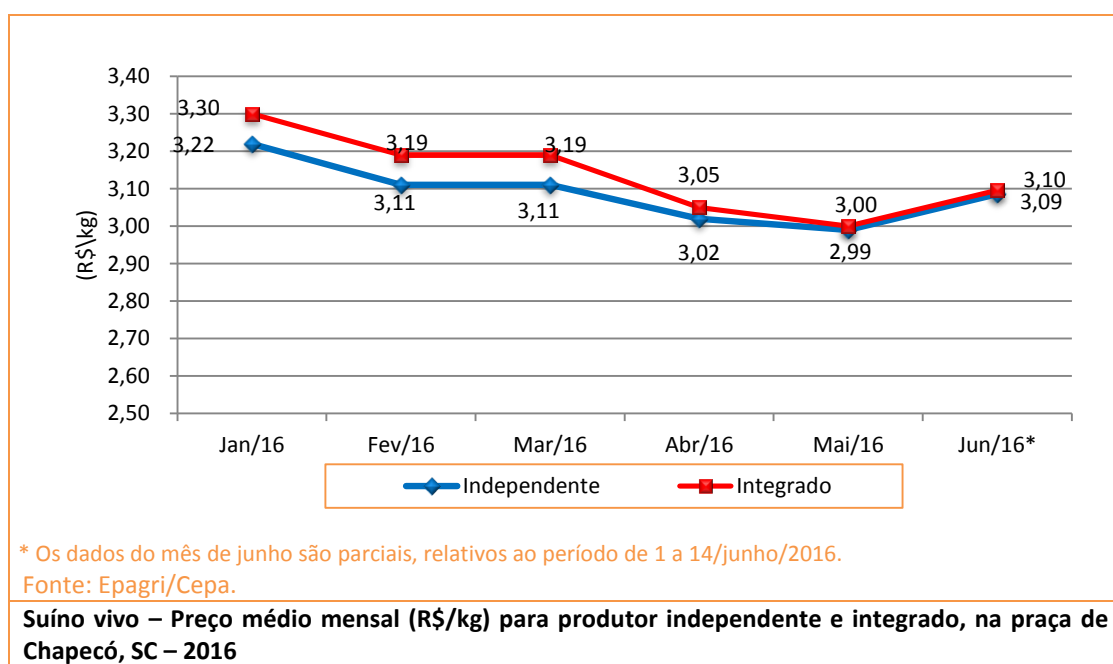
Exportações de carne bovina (tonelada) no período de janeiro a maio de 2015 e 2016 – Brasil

No caso de Santa Catarina, as exportações de carne bovina são pouco significativas, mas há que se chamar a atenção para o primeiro embarque de terneiros vivos realizado no início de junho. Nessa primeira leva foram exportados para a Turquia cerca de 4,1 mil animais com idade entre 6 e 8 meses. Há expectativa de que nos próximos meses novos embarques aconteçam.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Pela primeira vez no semestre o preço do suíno vivo em Santa Catarina divergiu da tendência de queda que vinha sendo observada desde o final do ano passado, apresentando uma pequena recuperação. No comparativo com a média de maio, os preços preliminares de junho sofreram uma elevação de 3,31% e 3,30% para o produtor independente e para o integrado, respectivamente. Quando comparados com junho de 2015, os preços médios atuais ainda apresentam uma defasagem de 3,47% para o produtor independente e 0,35% para o integrado. Ressalta-se que os preços permaneceram estáveis durante todo o mês de maio, tendo as variações supracitadas ocorrido na primeira semana de junho.



O quadro apresentado na sequência compara os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores, no período de janeiro a junho deste ano. Assim como em Santa Catarina, a tendência de queda também foi interrompida nos demais estados, com elevações bastante significativas.

Suíno vivo – Variação do preço pago nos principais estados produtores – 2016							(R\$/kg)	
Estado	Jan./2016	Fev./2016	Mar./2016	Abr./2016	Mai./2016	Jun./2016 ⁽¹⁾	Variação mai./jun. (%)	Variação jan./jun. (%)
Minas Gerais ⁽¹⁾	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,22	25,0	1,1
Paraná ⁽¹⁾	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,53	25,3	6,1
Rio Grande do Sul ⁽¹⁾	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,20	13,2	-2,2
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,09	3,1	-5,1
São Paulo ⁽¹⁾	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,06	24,7	5,1

⁽¹⁾ Os dados do mês de junho são parciais, relativos ao período de 1 a 14 de junho/2016.

⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes.

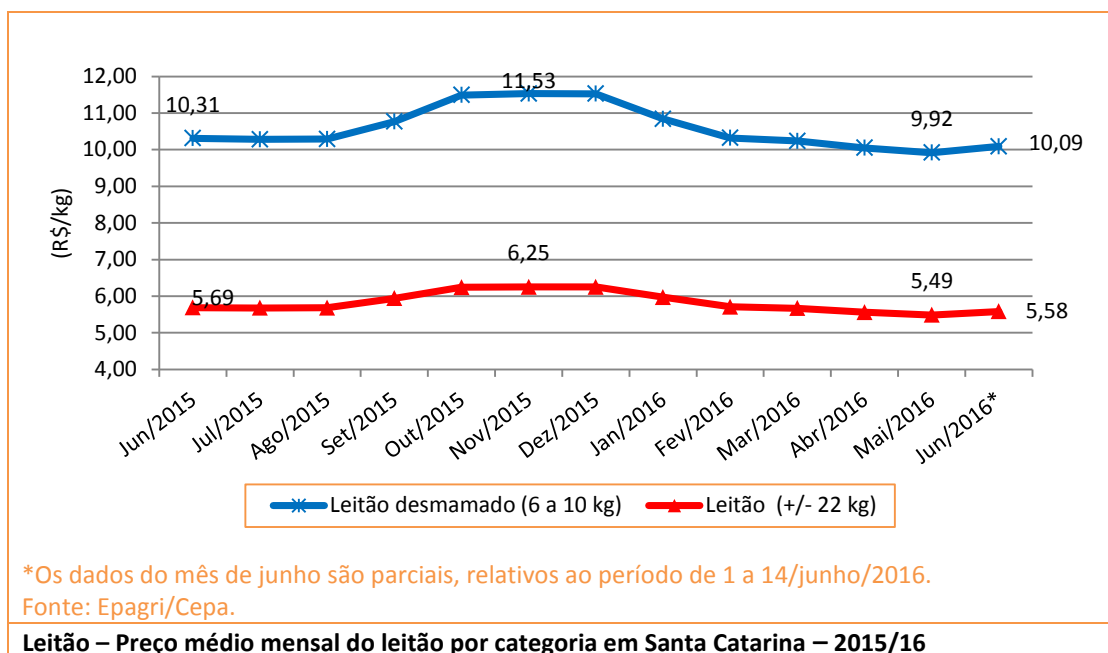
Fonte: ⁽¹⁾ Cepea (MG, PR, RS e SP); Epagri/Cepa (SC).

Na média, a variação entre maio e junho foi de 18,27%, ressaltando-se que no caso do último mês os valores ainda são preliminares (em alguns casos continuavam em movimento de alta por ocasião do fechamento desta edição). Chama-se a atenção para o fato de que, com exceção de Santa Catarina, a recuperação nos preços iniciou-se ainda no mês maio. No Boletim Agropecuário nº 36, os dados preliminares de maio indicavam uma queda média de preços da ordem de 4,22%. Contudo, com as informações completas, percebe-se que a variação foi positiva, atingindo 1,38%.

As altas mais significativas são registradas em Minas Gerais, Paraná e São Paulo, todos com proximamente 25%, seguidos pelo Rio Grande do Sul, com 13,2%. Santa Catarina registrou a menor variação, com 3,1%. Há que se chamar a atenção para o fato de que nos meses anteriores foram os estados da Região Sudeste que apresentaram as maiores variações, mostrando geralmente nessas ocasiões índices negativos.

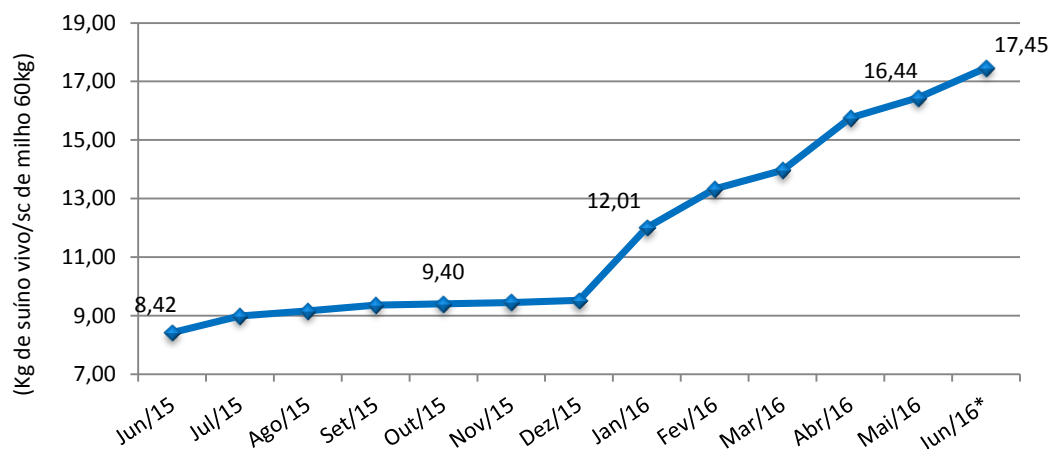
Na média dos cinco estados, pode-se afirmar que os preços parciais de junho praticamente voltaram aos patamares de janeiro deste ano, com uma pequena elevação de 1,1%. Contudo, há diferenças significativas na situação de cada unidade da federação. Diferentemente do restante do semestre, em que Santa Catarina aparecia com os melhores resultados, os dados agora apontam que na comparação com janeiro os preços atuais estão 5,1% menores. Na sequência encontram-se Rio Grande do Sul (-2,2%) e Minas Gerais (+1,1%). Os melhores cenários são encontrados no Paraná (+6,1%) e em São Paulo (+5,1%).

Em relação aos leitões, da mesma forma que os suínos terminados, registra-se a interrupção do movimento de queda nos preços observados desde janeiro deste ano. Em relação a maio, as médias das duas primeiras semanas de junho encontram-se majoradas em 1,71% e 1,72% para os leitões de 6-10kg e de +/-22kg, respectivamente.



Na comparação com o mesmo mês do ano passado, os valores preliminares de junho de 2016 apresentam uma defasagem de 2,18% para os leitões de 6-10kg e 1,86% para os leitões de +/-22kg. Apesar dos resultados parciais de junho, a variação acumulada em 2016 ainda é negativa para ambos os casos: -13,0% para os leitões de 6-10kg e de -11,1% para os leitões de +/-22kg.

Apesar do aumento no preço do suíno vivo, a equivalência insumo/produto registrou nova elevação no índice, como vem acontecendo desde meados de 2015. Mais uma vez, o fator que contribuiu para esse resultado foi o aumento no preço do milho.



*Os dados do mês de junho são parciais, relativos ao período de 1 a 14/junho/2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de suíno necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

Adotando-se como referência a praça de Chapecó, a relação de equivalência atingiu o valor de 17,45kg de suíno vivo/saco de milho, mas vale lembrar que os preços de junho são preliminares, podendo sofrer variações ao longo do mês. Quando se compara esse índice àquele registrado em junho de 2015, observa-se uma variação de 107,3%. O valor registrado durante a primeira quinzena de junho é 45,3% superior ao de janeiro deste ano.

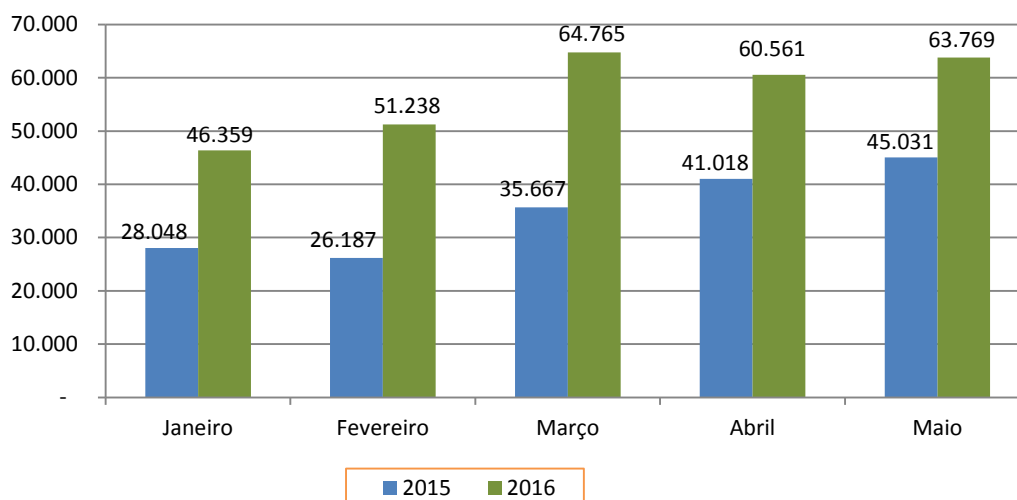
As exportações em alta e a redução nos volumes estimados para a safrinha são alguns dos motivos que ajudam a explicar a continuidade da tendência de alta no preço do milho, que impacta diretamente os custos de produção da carne suína e afeta a equivalência insumo/produto. Conforme atualização divulgada pela Conab no dia 9 de junho, a produção nacional de grãos na safra 2015/16 deve ser de 196,5 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 5,4% em relação à safra anterior.

De acordo com a Conab, o resultado se deve essencialmente às estiagens prolongadas e altas temperaturas que prejudicaram o ciclo vegetativo da primeira e da segunda safras do milho. A primeira safra, com uma produção de 26,2 milhões de toneladas, sofreu uma queda de 3,9 milhões em relação à primeira safra do ano anterior. Já para a segunda safra (safrinha), cuja colheita iniciou em junho, deve atingir 50 milhões de toneladas, o que significa uma redução de 4,6 milhões em relação à safrinha anterior. No total, a produção de milho do Brasil deverá ser de 76,2 milhões de toneladas, contra 84,6 milhões da safra 2014/15. No caso da soja, também afetada pelas condições climáticas, a leguminosa deve atingir uma produção de 95,6 milhões de toneladas (0,6% menor que a safra anterior).

Para amenizar o impacto dessa quebra sobre o preço do milho, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento anunciou a venda de 500 mil toneladas de milho dos estoques públicos direcionadas aos produtores de aves, suínos e leite, principalmente das regiões Sul e Nordeste.

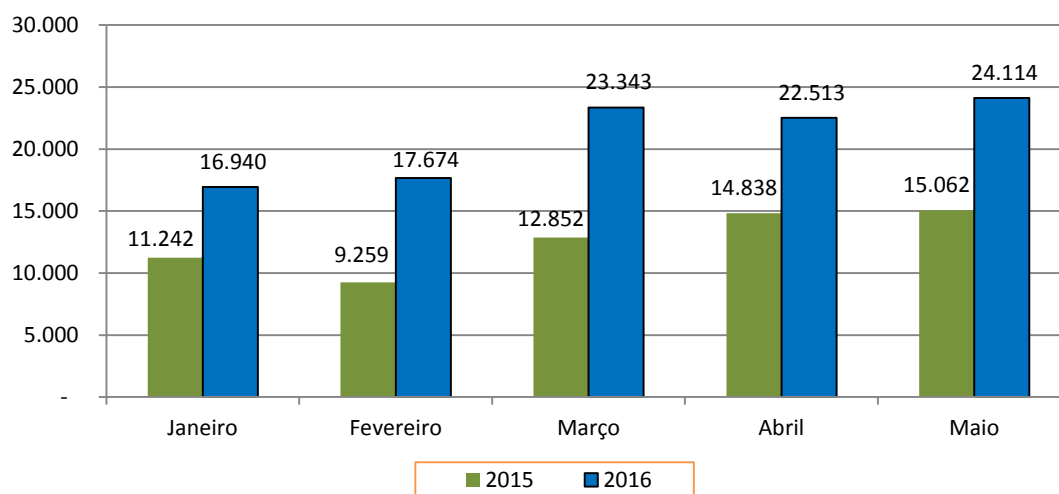
Em relação às exportações, segue-se registrando números fortemente positivos, o que ajuda a reduzir a oferta de carne suína no mercado interno. Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, as exportações de carne suína (*in natura* e processada) atingiram 63,8 mil toneladas no mês de maio, uma alta de 5,3% em relação ao mês anterior e de 41,6% na comparação com maio de 2015.

Do montante exportado em maio, Santa Catarina responde por 24,1 mil toneladas (37,8% do total), um aumento de 51,7% em relação ao mesmo período de 2015.



Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne suína (tonelada) no período de janeiro a maio de 2015 e 2016 – Brasil



Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne suína (tonelada) no período de janeiro a maio de 2015 e 2016 – Santa Catarina

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Índice de Captação de Leite Brasil - 2014- 16

Mês	2013	2014	2015	2016
Janeiro	150,35	169,99	188,34	185,67
Fevereiro	145,41	165,31	189,51	177,17
Março	138,70	158,95	176,97	164,15
Abril	135,89	155,36	171,85	158,59
Maió	134,24	155,29	172,59	
Junho	143,28	161,97	179,98	
Julho	149,08	168,12	182,98	
Agosto	152,11	177,21	191,43	
Setembro	156,09	182,88	197,68	
Outubro	162,24	182,14	195,97	
Novembro	167,94	193,85	196,78	
Dezembro	170,50	195,14	194,29	

Base 100 = junho/2004.

Fonte: Cepea.

Nesse mês de junho, o IBGE deve divulgar os dados da Pesquisa Trimestral do Leite, que informará a quantidade de leite cru adquirido pelas indústrias inspecionadas no primeiro trimestre de 2016. Por enquanto segue como única fonte de informação o Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea¹), que recentemente incorporou também os dados do mês de abril. Esse índice mostra que o volume de leite captado tem sido declinante desde o final do ano passado e que mês a mês tem sido inferior aos dos mesmos meses de 2015. É normal o volume declinar e atingir o patamar mínimo em abril/maio, para então começar a crescer. No

entanto, permanecer em patamar inferior ao do mesmo mês do ano anterior é novidade nos anos mais recentes. Mesmo que os percentuais de variação sejam distintos, é provável que os dados a serem divulgados pelo IBGE também indiquem que a produção nacional de 2016 será menor que a de 2015.

Além do ICAP-L/Cepea, essa hipótese é reforçada pelo comportamento dos preços setoriais, de maneira particular pelos constantes aumentos nos preços aos produtores ao longo dos meses. Os valores levantados pelo Cepea, por exemplo, mostram aumento em todos os estados brasileiros, o que obviamente se reflete na média nacional², que desde março deste ano tem atingido os maiores patamares nominais da história do levantamento do Cepea-Esaliq/USP.

¹ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados do RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. O peso mensal de cada estado é definido com base em informações do IBGE, segundo o volume produzido em cada unidade da federação.

² Média "nacional": composta pela ponderação dos preços médios do RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA, que é feita com base na participação percentual média da produção formal de leite de cada estado no total amostrado para o mês de produção entre 2000 e 2011. O dado de produção formal de leite é obtido através da Pesquisa Trimestral do Leite, realizada pelo IBGE.

Leite - Preços médios aos produtores - Média “nacional” - 2013-16

Mês	R\$/litro (Preço bruto: inclui frete e Funrural)							
	Valor nominal (corrente)				Valor real (deflacionado pelo IPCA de abril/16)			
	2013	2014	2016	2016	2013	2014	2016	2016
Janeiro	0,8829	0,9951	0,9292	1,0615	1,1272	1,2033	1,0487	1,0822
Fevereiro	0,8941	0,9910	0,9226	1,0967	1,1348	1,1901	1,0287	1,1081
Março	0,9162	1,0209	0,9376	1,1451	1,1574	1,2149	1,0318	1,1521
Abril	0,9526	1,0838	0,9791	1,2106	1,1967	1,2811	1,0699	1,2106
Mai	0,9854	1,1046	1,0142	1,2654	1,2334	1,2998	1,1001	1,2654
Junho	1,0178	1,0984	1,0413		1,2706	1,2873	1,1207	
Julho	1,0544	1,0994	1,0641		1,3160	1,2883	1,1382	
Agosto	1,0861	1,0978	1,0843		1,3523	1,2833	1,1572	
Setembro	1,1162	1,0896	1,0667		1,3849	1,2665	1,1324	
Outubro	1,1178	1,0685	1,0589		1,3790	1,2367	1,1150	
Novembro	1,1011	1,0249	1,0541		1,3511	1,1803	1,0987	
Dezembro	1,0416	0,9810	1,0534		1,2665	1,1210	1,0877	

Fonte: Cepea-Esalq/USP

No caso de Santa Catarina, tomando por base os levantamentos regionais da Epagri/Cepa, constata-se que a produção recebida pelas indústrias decrescia desde o final do ano passado, atingiu o seu patamar mínimo em abril e já começou a se recuperar no mês de maio. Uma diferença para o que aponta o ICAP-L/Cepea em relação ao Brasil, é que não tem sido em todos os meses de 2016 que a produção estadual tem sido inferior à do mesmo mês de 2015. Ainda assim, no período de janeiro a maio de 2016 houve decréscimo na quantidade de leite recebida pelas indústrias contempladas no levantamento da Epagri/Cepa, em relação ao mesmo período de 2015.

Leite - Quantidade recebida por parte das indústrias do Oeste Catarinense - 2013-16

Mês/ano	Milhões de litros				Variação (%)		
	2013	2014	2015	2016	2014/13	2015/14	2016/15
Janeiro	117,8	126,1	121,7	113,2	7,0	-3,4	-7,0
Fevereiro	97,8	105,8	97,5	100,0	8,2	-7,8	2,5
Março	102,7	108,7	101,7	103,4	5,9	-6,4	1,7
Abril	94,6	96,7	92,3	93,0	2,2	-4,6	0,7
Mai	98,4	102,3	101,2	96,4	4,0	-1,1	-4,7
Jan./maio	511,3	539,6	514,5	506,1	5,5	-4,7	-1,6
Junho	102,4	106,1	109,4	-	3,6	3,1	
Julho	113,7	120,7	117,8	-	6,1	-2,4	
Agosto	124,0	137,4	129,0	-	10,8	-6,1	
Setembro	124,9	136,8	129,2	-	9,5	-5,6	
Outubro	129,5	133,3	126,0	-	2,9	-5,5	
Novembro	122,8	127,3	118,5	-	3,7	-7,0	
Dezembro	129,5	129,8	120,1	-	0,2	-7,4	
Total	1.358,1	1.431,0	1.364,4	-	5,4	-4,7	

Fonte: Epagri/Cepa.

Isso, aliado à redução na produção nacional, ampliou a disputa por leite pelas indústrias e repercutiu em novos aumentos nos preços aos produtores. De qualquer maneira, não se esperava que houvesse um

aumento de R\$ 0,08 no preço médio mais comum estadual de maio para junho. Tal aumento evidencia que, mesmo com recomposições de margens entre as indústrias e o varejo, o quadro de acirrada disputa por leite permanece sustentando os preços aos produtores.

Leite - Preço médio mais comum aos produtores, no período de pagamento - 2013-16 – Santa Catarina

Mês	R\$/litro posto na propriedade				Var. %	
	2013	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,75	0,85	0,75	0,91	-12,0	21,4
Fevereiro	0,75	0,83	0,73	0,95	-12,7	30,8
Março	0,75	0,85	0,76	1,02	-10,2	33,9
Abril	0,78	0,91	0,80	1,07	-12,1	34,3
Maio	0,81	0,94	0,87	1,11	-7,2	26,8
Junho	0,83	0,93	0,89	1,19	-4,3	32,3
Média janeiro/junho	0,78	0,89	0,80	1,04	-9,6	30,0
Julho	0,88	0,93	0,91		-1,9	
Agosto	0,91	0,93	0,93		-0,2	
Setembro	0,94	0,90	0,92		2,9	
Outubro	0,94	0,84	0,90		6,9	
Novembro	0,94	0,81	0,87		8,2	
Dezembro	0,88	0,77	0,89		15,9	
Média anual	0,85	0,87	0,85		-2,5	

Fonte: Epagri/Cepa.

Leite padrão - Preços de referência do Conseleite/SC - 2014-16

Mês	R\$/litro			Var. %	
	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Jan.	0,7389	0,7744	0,9546	4,8	23,3
Fev.	0,7655	0,7866	1,0154	2,8	29,1
Mar.	0,8379	0,8614	1,0652	2,8	23,7
Abr.	0,8764	0,8843	1,1166	0,9	26,3
Maio	0,904	0,8875	1,1430	-1,8	28,8
Jun.	0,9123	0,9347	1,2248 ⁽¹⁾	2,5	31,0
Jul.	0,9093	0,9278		2,0	
Ago.	0,9097	0,9131		0,4	
Set.	0,8978	0,8978		0,0	
Out.	0,8308	0,9024		8,6	
Nov.	0,7958	0,9308		17,0	
Dez.	0,7877	0,9387		19,2	
Média	0,8472	0,8866		4,7	

⁽¹⁾ Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

Assim, também em julho deve haver novos acréscimos nos preços aos produtores, já que o pagamento será relativo ao leite comercializado em junho, mês no qual o mercado permanece disputado. Isso ficou evidenciado na reunião do Conseleite/SC, ocorrida nessa semana (16/06). Não apenas porque o preço final de maio (R\$ 1,1430) ficou um pouco acima do que havia sido projetado (R\$ 1,1339) na reunião anterior (19/05), mas principalmente porque o preço projetado para junho (R\$ 1,2248) é R\$ 0,08 superior ao preço final de maio, o que o torna, em termos reais (descontada a inflação), o maior preço da história do Conseleite/SC.